

NUN'ÁLVARES PEREIRA

A SUA CRONOLOGIA E O SEU ITINERARIO

NOTA PRELIMINAR

Para a bibliografia sobre Nun'Álvares Pereira, veja-se o excelente estudo de Fr. Elias Maria Cardoso, O. Carm., A bibliografia condestabrianiana. Roma, Institutum Carmelitanum, 1958; separata da revista Lusitania Sacra 2 (Lisboa 1957) p. 221-265.

Registam-se aqui, apenas, as fontes e as obras de consultas mais frequentes:

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

Chancelaria de D. Pedro, Livro 1.

Chancelaria de D. Fernando, Livros 1-2.

Chancelaria de D. João I, Livros 1-5.

Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I (=Joseph Pereira de Sta Anna, O. Carm., Chronica dos Carmelitas da Antiga e Regular Observancia nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios ... Tomo primeiro. Lisboa, na officina dos herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, 1745).

Oliveira Martins, A vida de Nun'Álvares... 7.^a ed. Lisboa, Guimarães Editores, 1955.

Crónica de D. Fernando (=Fernão Lopes, Chronica de el-Rei D. Fernando. Lisboa 1895-1896; na colecção: Bibliotheca de classicos portuguezes).

Crónica de D. João I (=Fernão Lopes, Crónica de D. João I, segundo o códice N.º 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo; edição prefaciada por António Sergio; vol. I. [Porto], Livraria Civilização — Editora, [1945]. Vol. II; edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto; segundo o códice inédito N.º CII, I-10 da Biblioteca Pública de Évora confrontado com o texto impresso em 1644 e versões quinhentistas da mesma crónica, existentes nas Bibliotecas da Universidade de Coimbra e Municipal do Porto, [Porto], Livraria Civilização — Editora, [1949]).

(Ambos na colecção: Biblioteca Histórica — Série régia).

Zurara, Crónica-Ceuta (=Gomes Eanes de Zurara, Crónica da tomada de Ceuta ... publicada ... segundo os manuscritos n.ºs 368 e 355 do Arquivo Nacional, por Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, [1945]).

Crónica do Condestável (=Chronica do Condestabre de Portugal, Dom Nuno Alvarez Pereira; com revisão, prefácio e notas por Mendes dos Remedios. Coimbra, F. França Amado 1911).

Nas citações destas quatro crónicas foi usado o sistema de citação interna; entre () indicam-se as respectivas páginas.

Por se tratar de um simples ensaio, o estudo pode ser completado com muitos dados que, talvez, impliquem não poucas alterações. O autor agradecerá sinceramente todas as informações construtivas, neste sentido, e capazes de levar a efeito uma cronologia e um itinerário mais perfeitos da figura ímpar que foi Nun'Álvares Pereira, Cavaleiro ao Serviço de Deus e Pai da Pátria Portuguesa.

PREPARAÇÃO

- 1360-1373 Nascimento de Nun'Álvares, provàvelmente em Flor de Rosa. Seus pais eram Álvaro Gonçalves Pereira, freire professo da Ordem do Hospital e Prior do Crato, e Iria Gonçalves de Carvalhal, «uma mui boa e mui nobre mulher» (1).
- 1360 jun. 24 Precisamente um ano e um mês depois, o Rei D. Pedro I concedeu a legitimação ao pequeno Nuno, dispensando com ele em todas as leis em contrário: já podia agir como um fidalgo, receber doações válidas e firmes, aceitar heranças dos pais e dos parentes, assim em testamento como sem ele, como se lidamente nado fosse (2).
- 1360-1373 Durante treze anos Nuno foi educado na casa do pai, «a grã viço» (3), isto é, segundo as normas da Cavalaria Cristã da Idade Média. Tinha um sabor especial pelas coisas virtuosas (4) e gostava de ler obras sobre a Cavalaria, entre as quais preferia a história de Galaaz, o casto herói da Távola Redonda. Seu pai amava-o ternamente, pois era respeitoso e obediente (5).
- 1372 dez. a
1373 abr. Guerra contra Castela, cujas tropas invadiram Portugal, avançaram por perto de Santarém, vindo ocupar Lisboa.

(1) Crónica do Condestável, c. 1 (p. 1-3); edição de Mendes dos Remédios, Coimbra 1911. Ver também: A. Brásio, O problema da naturalidade do Condestável de Portugal, D. Frei Nuno de Santa Maria: Lumen 26 (Lisboa 1962) pp. 54-61; 149-161. — Quanto ao possível lugar do nascimento, aceitamos a sugestão do Autor; mas não podemos concordar com a data sugerida (25 de Junho); a nosso ver nasceu no dia 24, tendo 1 dia, portanto, no dia 25; cf. nossa nota 87.

(2) Chancelaria de D. Pedro I, Livro 1, f. 89r-v (Lisboa, Torre do Tombo).

(3) Crónica do Condestável, c. 2 (p. 3).

(4) Crónica de D. João I, P. I, c. 193 (I, p. 426); edição prefaciada por António Sérgio; 2 vls. Porto, Civilização, [1945].

(5) Crónica do Condestável, c. 4 (p. 7-10).

1373-1376

Nesse momento, o Rei D. Fernando estava em Santarém; com ele encontravam-se Álvaro Gonçalves Pereira e alguns dos seus filhos, entre estes Nuno, rapaz de seus 13 anos.

1373 fev.

Nuno recebeu aqui a sua primeira missão militar: reconhecer as forças inimigas. A patrulha nada descobriu. Interrogado, porém, Nuno respondeu que os Castelhanos lhe pareciam uma massa sem disciplina, um bom capitão com poucos soldados bem treinados os venceriam facilmente.

Encantada com a resposta, a Rainha D. Leonor escolheu-o por seu escudeiro e quis, pessoalmente, armá-lo cavaleiro ⁽⁶⁾.

1373-1376

A pedido do pai, D. Fernando acolheu Nuno na Corte, para completar a formação. O tio materno, Martim Gonçalves de Carvalhal instruiu-o no manejo das armas. Durante este estágio dispunha de uma boa casa assim de homens como de bestas e outras coisas, que convinham a seu estado ⁽⁷⁾.

1376 maio 29

Nuno recebeu uma carta de doação, pela qual D. Fernando deu-lhe em préstamo a sua terra de Pena, com todos os seus termos, rendas e frutos novos, para toda a sua vida ⁽⁸⁾.

Esta medida, parece, visou a organização do estado de vida, pois neste mesmo ano o pai tratou de casar Nuno, que tinha então dezasseis anos e meio, segundo a sua Crónica. Escolheu-lhe uma noiva, D. Leonor de Alvim, de reconhecida nobreza, donzela embora já viúva, e que possuía muitos bens Entre Douro e Minho.

Nesta época, Nuno passava algumas semanas em casa do pai e estava longe de pensar num casamento; acalentava antes o ideal de conser-

(6) Crónica do Condestável, c. 2 (p. 4-5).

(7) Crónica do Condestável, c. 2 (p. 6).

(8) Chancelaria de D. Fernando, Livro 1, f. 195.

Embora não conste do registo, D. Fernando concedeu-lhe mais outras terras: Alter do Chão, Vila Formosa e Assumar, com os seus termos e jurisdições, rendas e direitos; ignora-se porém a data desta doação — ver Chancelaria de D. João I, Livro 2, f. 49v (ambas em Lisboa, Torre do Tombo).

- 1376-1381** var-se virgem como Galaaz. Diante das insistências dos pais, do Rei e dos amigos, conformou-se com o casamento. Acompanhou o pai a Vila Nova da Rainha, onde estava o Rei, e ali celebrou-se o casamento.
- ago. 15
- ago. 16 No dia seguinte, os noivos partiram para Bonjardim da Beira, para uma curta lua de mel; a seguir fixaram a sua residência na Quinta da Pedraça, em Cabeceiras de Basto ⁽⁹⁾.
- set.
- 1376-1381 Vida familiar de Nun'Álvares Pereira, como de um fidalgo rural. Mantinha uma pequena tropa de 15 escudeiros e uns 20 ou 30 homens de pé. Administrava a sua casa e vivia feliz com a sua esposa. Nasceram-lhe dois filhos, que logo morreram, e uma filha, Beatriz ⁽¹⁰⁾.
- 1379 Por este tempo, «a cabo de uns tres anos», diz Fernão Lopes, a contar do casamento de Nuno, faleceu o idoso Prior de Crato, em Amieira. A família toda, 9 filhos e 9 filhas, reuniu-se para as solenes exéquias e acompanhou o corpo a Flor de Rosa, à igreja de Santa Maria, onde foi inumado. Sucedeu-lhe no priorado o filho mais velho, Pedro Álvares ⁽¹¹⁾.
- 1381 jun. A renovada aliança com a Inglaterra provocou o rompimento das relações com Castela. Em defesa

(9) Crónica do Condestável, c. 3-5 (p. 6-12). A tradição indica o dia 15 de Agosto como o dia do casamento, embora a Crónica afirme que Nuno tinha 16 anos e meio; Fernão Lopes (Crónica de D. João I, P. I, c. 34 (I, p. 68)) diz que ele tinha pouco mais de 16 anos, o que dá fundamento a essa tradição.

(10) Crónica do Condestável, c. 5 (p. 12-13).

(11) Crónica do Condestável, c. 6-7 (p. 13-15); Crónica de D. João I, P. I, c. 35 (I, p. 71). Oliveira Martins, A Vida de Nun'Álvares, 7.^a ed. Lisboa 1955, após ter indicado o ano de 1378 para a morte do Prior de Crato (p. 53), corrige-se a seguir (p. 453, nota 2), dizendo que uma doação, feita em 1382, março 30, mostra que o Prior estava vivo em essa data e que, no entanto sempre teria morrido antes de D. Fernando. Não me foi possível examinar o documento alegado. Há, porém, duas Bulas de 1380, junho 7, passadas pelo Papa cismático Clemente VII, que absolvem Pedro Álvares dos impedimentos que o inibem de ser Prior de Crato, e encarregam o Bispo de Évora de o prover no priorado, vago pela morte de Álvaro Gonçalves: «prioratu per ipsius Gundissalvi obitum ... vacante», cf. J. C. Baptista, Portugal e o cisma do ocidente: Lusitania Sacra I (1956) p. 192-195.

- 1381 do território do Alentejo, Pedro Álvares foi nomeado fronteiro-mor em Portalegre ⁽¹²⁾.
- jul. D. Fernando chamou também Nun'Álvares, para estar com o irmão em Portalegre. Este obedeceu imediatamente e fez-se acompanhar de 25 escudeiros e 30 homens de pé ⁽¹³⁾.
- Por ordem do Rei, preparou-se uma expedição contra Badajoz. As tropas concentraram-se em Vila Viçosa e marcharam sobre Elvas, passando por Vila Boim. Descoroçoado, porém, pela notícia de que D. João, Infante de Portugal, vinha com um grande reforço para os Castelhanos, o Conselho dissolveu as tropas, e cada um voltou para a sua própria fronteira em 11 de julho.
- jul. 11
- jul. 15-ago. 9 Quatro dias depois, os Castelhanos chegaram a Elvas e a vila ficou cercada durante vinte e cinco dias ⁽¹⁴⁾.
- ago. Nun'Álvares andava muito aborrecido com a atitude passiva da hoste lusitana. Resolveu desafiar o filho do Mestre de Santiago, de Castela, fronteiro de Badajoz. Este aceitou o repto para uma luta de dez contra dez. Nuno recebeu os necessários salvos-condutos e, quando tudo estava preparado para a ida a Badajoz, o irmão Pedro comunicou-lhe a decisão do Rei: proibição absoluta do duelo, e os dois irmãos são chamados à presença de D. Fernando. Em Lisboa, bem recebidos pelo Rei, Nuno tentou convencer a este da utilidade do duelo. Até pediu a intervenção do Conde de Cambridge e do Condestável das tropas inglesas, que aí estavam desde 19 de julho. Tudo em vão: D. Fernando não se deixou influir ⁽¹⁵⁾.

(12) Crónica do Condestável, c. 7 (p. 15).

(13) Crónica do Condestável, c. 8 (p. 16).

(14) Fernão Lopes, Crónica de D. Fernando, 3 vls. Lisboa 1895-1896 : Bibliotheca dos classicos portuguezes; c. 120 (III, p. 17-20).

(15) Crónica do Condestável, c. 10-11 (p. 21-26); Crónica de D. Fernando, c. 123 (III, p. 23-24).

1381-1382

ago. 19

A chegada dos aliados ingleses provocou uma mudança na política religiosa de D. Fernando, que abandonou o Papa cismático. No dia 19 de Agosto jurou obediência ao Papa Urbano VI e celebrou os esponsais da sua filha Beatriz com Eduardo, filho do Conde de Cambridge ⁽¹⁶⁾.

1382 març. 7

abr.

A frota de Castela surgiu no Tejo para sitiar Lisboa, cuja defesa está em mãos inertes e incompetentes. Para remediar essa situação, Pedro Álvares é nomeado fronteiro da cidade, para onde são transferidos todos os outros irmãos, e entre eles Nuno. Agora as escaramuças começaram a ficar mais frequentes.

jul.

Uma quase custou a vida a Nun'Álvares. Saíra ele por conta própria, pela porta de St.^a Catarina, a fim de castigar os Castelhanos, que regularmente desembarcavam em procura de uvas e outras frutas. Reunira um grupo de 54 e surpreendeu um troço de Castelhanos junto à porta de Alcântara, que logo debandou e se lançou à água. Ao voltar à cidade, pelas alturas de Santos, encontrou um forte contingente de 250 soldados, que descera da frota. Por mais que Nuno fizesse, os seus recusavam a luta e já iam fugindo. Sòzinho atacou o grosso da tropa. Partida a sua lança, distribuiu golpes com a espada. Estava cercado e sobre o seu corpo choviam lançadas, pedras e virotões. Varado por uma lança, o cavalo caiu e Nuno, preso na cilha, sempre a se defender com a espada. Parecia o fim, mas neste momento os seus cobraram coragem e um clérigo, Vasques Eanes do Couto, salvou-lhe a vida, cortando a cilha. Dura foi a refrega, até chegar socorro da cidade. Muitos Castelhanos morreram ou ficaram presos. Aos Portugueses, a surtida custou apenas

(16) Crónica de D. Fernando, c. 130 (III, p. 46-48); ver também J. C. Baptista, Portugal e o cisma do Ocidente, I. c. 132-133.

1382-1383

15 cavalos, posto que houvesse um bom número de feridos⁽¹⁷⁾.

jul. 6-31

Desde 6 de Julho, D. Fernando estava em Elvas, à espera das tropas castelhanas, que chegaram a Badajoz só no último dia do mês.

ago.

O Rei tinha deixado ordens, que Pedro Álvares continuasse com todos os seus em Lisboa, por causa da frota inimiga no Tejo. Isto desagradou profundamente a Nuno, que desejava estar na batalha, que era iminente. Como não conseguisse licença do irmão, fugiu de Lisboa, de noite, pela porta de São Vicente, com cinco escudeiros. Ao chegar a Elvas, quando a batalha já estava concertada, apresentou-se imediatamente ao Rei, que o recebeu com grandes louvores.

ago. 10

Nuno, porém, não teve sorte, pois pouco depois os Reis fizeram as pazes⁽¹⁸⁾.

Terminada, assim, a guerra, Nun'Álvares deve ter voltado para a sua quinta, onde o esperava a esposa com a filha.

1383 abr. 2

Escrituras do casamento entre a Infanta D. Beatris e D. João I de Castela, em Salvaterra de Magos.

maio 14

Festejaram-se a bodas em Elvas, para as quais foram convidados todos os fidalgos e grandes do Reino. Os irmãos Nuno e Fernão encontraram os seus lugares já ocupados. Despeitado, Nuno derubou uma mesa e os dois retiraram-se calmamente. Vingaram-se desta forma das caçadas de que foram alvo. Impressionado, o Rei de Castela comentou: «homem que tal fez, tem coração para mais»⁽¹⁹⁾.

out. 22

Morte de D. Fernando. Toda a nobreza é convocada para o trintário em Lisboa.

(17) Crónica do Condestável, c. 12 (p. 27-33): «colher uvas ... porque era então em tempo delas» — isto obriga-nos a recuar o mais possível para o fim de julho; porém não pode ter sido em agosto, como quer Oliveira Martins, *A vida de Nun'Álvares...* p. 76.

(18) Crónica de D. Fernando, c. 150 (III, p. 110); c. 151 (III, p. 113-114); c. 153 (III, p. 118-119); Crónica do Condestável, c. 13 (p. 34-37).

(19) Crónica de D. Fernando, c. 166 (III, p. 160-161); Crónica do Condestável, c. 14 (p. 37-39).

A REVOLUÇÃO NACIONAL

1383

Trintário de D. Fernando em Lisboa.

nov. 22

Após ter recebido o aviso da Rainha, Nuno apresentou-se para assistir ao trintário. Foi o único que se fez acompanhar de gente armada: 30 escudeiros, mais os homens de pé. Isto provocou logo um conflito com a Rainha, que tentou expulsar os escudeiros dos alojamentos, no que ficou mal sucedida ⁽²⁰⁾.

nov.

Terminadas todas as cerimónias fúnebres, Nuno andava muito preocupado com o futuro de Portugal: o trono estava vago, e quem defenderia o país? «E por espírito de Deus lhe veio o pensamento, que não pertencia a outrem, nem o devia, nem podia fazer, se não o Mestre de Avis». Mas concluiu também que, em tal caso, seria indispensável a eliminação de João Fernandes Andeiro, o fatídico Conde de Ourém, amante da Rainha D. Leonor.

Comunicou estes seus pensamentos ao tio Rui Pereira que, por sua vez, os transmitiu ao Mestre. Houve um encontro entre os três, e Nuno ficou autorizado a dar seguimento ao projecto contra o Conde. No dia seguinte, porém, o Mestre mudou de parecer e, provisoriamente, suspendeu a sua ordem.

Após o malogro de outra tentativa de ainda convencer o Mestre, Nuno abandonou a cidade e foi no encalço do irmão Pedro, que já estava em Pontével, onde este recebeu uma embaixada por parte da Rainha, com grandes promessas, o que descontentou fortemente a Nuno.

(20) Crónica do Condestável, c. 15 (p. 39-40); Crónica de D. João I, P. I, c. 4 (I, p. 9).

1383

depois de dez. 7?

Juntos continuaram a viagem até Santarém, onde Nuno se hospedou em S.ta Maria de Palhães. Em um dos seus passeios, perto da igreja de S.ta Iria, deu-se o episódio com o alfageme, que lhe corregeu uma espada magnífica e só lhe aceitaria pagamento, quando fosse Conde de Ourém⁽²¹⁾.

dez. 6

Poucos dias depois, chegaram notícias de Lisboa sobre o início da revolução: no dia 6 de dezembro o Mestre matara o Andeiro; o povo revoltara-se contra o Bispo D. Martinho, lançando-o da torre da Catedral e maltratando em seguida o seu cadáver, que lhes não merecia nenhum respeito, por ser de um cismático; a Rainha, após ter enterrado o Conde, fugira para Alenquer com toda a sua gente; finalmente, o Mestre tinha sido aclamado Regente e Defensor do Reino⁽²²⁾.

dez. 15-16

c. dez. 19

c. dez. 20

Os três irmãos Pereira comentavam as notícias: Nun'Álvares todo a favor do Mestre; Pedro Álvares, frio e calculador, não via vantagem em aderir ao Mestre; Diogo Álvares hesitava, no fim deixou-se convencer por Nuno. Neste dia, Nuno separou-se do irmão Pedro e partiu para Lisboa. Em Pontével, Diogo arrependeu-se e voltou atrás. Sòzinho, Nuno continuou com a sua tropa. Passou a noite em Eireira e na manhã seguinte falou abertamente com os seus sobre o seu projecto de apoiar a causa do Mestre contra o Rei de Castela. Todos concordaram. A seguir pernoitaram em Alverca, mas não dormiram muito, porque souberam que a Rainha tinha desejo de os prender.

(21) Crónica do Condestável, c. 16-17 (p. 41-44).

(22) Crónica de D. João I, P. I, c. 9 (p. 19-22); c. 12 (p. 27-30); c. 13 (p. 33); c. 26 (p. 52-54); c. 36 (p. 73). Ver também c. 29 (p. 61), onde Fernão Lopes regista, que o Mestre perdoava todos os crimes cometidos «ante o primeiro dia de dezembro, em que ell matou o Comde Joham Fernamdez».

1383-1384

c. dez. 21

c. dez. 23

c. dez. 25

No dia seguinte chegaram a Lisboa. Nuno procurou imediatamente o Mestre e dois dias depois, ao fazer-lhe outra visita, foi nomeado membro do Conselho ⁽²³⁾.

Deve ter sido pelo Natal, que Nuno recebeu a visita de sua mãe, D. Iria Gonçalves, que criticara muito a Pedro Álvares, por ter voltado sem o irmão. Andava preocupada com a aventura do filho ao lado do Mestre. Ela estava mais inclinada por D. Beatriz, a quem tinha acompanhado nas bodas como cuvilheira ⁽²⁴⁾. Vinha com grandes promessas por parte de Castela: o condado de Viana e outras terras mais. Nuno rejeitou tudo: que Deus jamais permitisse que ele, Nuno, por promessas ou dádivas, fosse contra o país que o criara. Antes queria gastar seus dias e derramar seu sangue em defesa da Pátria!

O próprio Mestre veio falar com ela, mas já não era necessário, pois com a bênção maternal confiou-lhe também o filho Fernão ⁽²⁵⁾.

dez. 26 c.

O exemplo de Nuno e as suas palavras animaram o Mestre, que pôs agora de lado, definitivamente, o pensamento de ir à Inglaterra, como comunicou aos conselheiros. Imediatamente resolveram tomar uma atitude mais enérgica. O primeiro passo seria a conquista do Castelo de São Jorge, que dominava a cidade ⁽²⁶⁾.

dez. 28

O mestre cercou o castelo e Nuno foi falar com os defensores. Conseguiu estabelecer um prazo de quarenta horas para a capitulação. Dois dias depois, o castelo estava nas mãos do Mestre ⁽²⁷⁾.

dez. 30

1384 jan. 1

O Mestre recebeu a homenagem de Almada, que prometeu apoiar a causa.

(23) Crónica de D. João I, P. I, c. 36-38 (p. 73-76).

(24) Crónica de D. Fernando, c. 165 (III 157-159).

(25) Crónica do Condestável, c. 19 (p. 47); Crónica de D. João I, P. I, c. 39 (I, p. 77).

(26) Crónica do Condestável, c. 20 (p. 49).

(27) Crónica de D. João I, P. I, c. 41 (I, p. 79-83).

1384

jan. 2

jan. 3-12

Logo a seguir foi com Nuno a Alenquer, acompanhado de uma pequena tropa de 200 lanças e poucos homens de pé. Passaram a noite em Castanheira, e de madrugada chegaram à vila, onde à tarde começaram as escaramuças⁽²⁸⁾, que continuaram durante uns nove dias.

jan. 12

No dia 12 de janeiro, chegou o Rei de Castela a Santarém; o Mestre julgou mais prudente voltar para Lisboa, a fim de defender a cidade. Nuno sugeriu um ataque ao próprio Rei, antes que o grosso das tropas chegasse. O Mestre discordou, por serem poucas as suas forças⁽²⁹⁾. E assim voltaram para Lisboa no dia seguinte⁽³⁰⁾.

jan. 13

jan. 14-31

Seguiu uma quinzena de hesitações. De Santarém chegaram pedidos: subissem o Tejo a fim de atacar o Rei. Nuno estava a favor e o Conselho aprovou a ideia, para depois recuar: podia haver traição; além disso as barcas não podiam transportar um número suficiente de soldados, nem, provavelmente, navegar além de Muge⁽³¹⁾.

Nesta mesma quinzena, houve mais um desafio na vida de Nun'Álvares. Pròpriamente, fora dirigido ao Mestre, pelo Conde de Maiorca. Nuno fez-se substituir ao Mestre, a quem não convinha aceitar tal duelo. Nem este, porém, se realizou, pois o Conde não lhe aceitou a substituição⁽³²⁾. No Tejo apareceram 7 navios inimigos, com mantimentos para as tropas castelhanas, que se supunham sobre a cidade. Ataque aos navios, seis dos quais foram confiscados.

fev. 1

fev. 3

(28) Crónica de D. João I, P. I, c. 51 (I, p. 103-105).

(29) Crónica de D. João I, P. I, c. 63 (I, p. 123); c. 64 (p. 124).

(30) Crónica do Condestável, c. 21 (p. 51).

(31) Crónica do Condestável, c. 23 (p. 53).

(32) Crónica de D. João I, P. I, c. 70 (I, p. 137-138), que parece insinuar, que este caso se tenha dado no começo de fevereiro, o que é pouco provável, devido aos acontecimentos desse mês e do subsequente cerco da cidade, e ainda da ida de Nun'Álvares para o Alentejo.

- 1384
c. fev. 5 Nuno foi mandado a Sintra, com uma tropa de 300 lanças, a fim de prover a cidade de víveres. Apesar da presença dos Castelhanos, não encontrou nenhum estorvo e apropriou-se de muito gado e trigo.
- fev. 6 No dia seguinte, à noite, chegou-lhe um aviso de que vinha vindo, e já estava em Alenquer, um reforço inimigo de 1000 lanças. Os seus ficaram com medo; muitos desertaram nessa mesma noite, e os demais, 60 lanças, insistiram no outro dia, que se voltasse à cidade quanto antes. Nuno não teve pressa e até ficou à espera dos Castelhanos, com uma tropa auxiliar, que lhe viera da cidade com o tio Rui Pereira. Como o inimigo não aparecesse, reentraram na cidade, já no fim da tarde.
- fev. 7 Um dia depois chegou o tal exército, enviado pelo Rei de Castela, que fez o seu arraial no Lumiar ⁽³³⁾. Surtida de uma pequena tropa da cidade aos campos de Alvalade, entre Olivais e Lumiar. Mais perto da cidade, a par da igreja de São Lázaro, o Mestre e Nun'Álvares prepararam uma cilada com 300 lanças. O inimigo, provocado pela tropa, saiu-lhe em perseguição; recuou, porém, quando deu conta da cilada ⁽³⁴⁾.
- fev. 8 Quando estavam assim, já bem 15 dias, tomou-se a resolução de atacar o inimigo, que estava muito sossegado no Lumiar. O Mestre e Nuno juntaram toda a sua gente, saíram no dia seguinte e... encontraram o arraial abandonado! Os Castelhanos haviam já fugido para Alenquer e Torres Novas ⁽³⁵⁾.
- c. fev. 10 Nesses mesmos dias, ainda, solucionou-se um conflito que surgira em Almada, onde os maiores desejavam entregar a vila à Rainha, contra a vontade da gente pequena. Nuno foi mandado para lá
- fev. fim

(33) Crónica de D. João I, P. I, c. 71 (p. 139-140); Crónica do Condestável, c. 24 (p. 54).

(34) Crónica do Condestável, c. 24 (p. 53); Crónica de D. João I, P. I, c. 74 (I, p. 144).

(35) Crónica de D. João I, P. I, c. 75 (I, p. 146).

1384

com 40 lanças. Postou-se à porta do castelo, de forma que ninguém podia entrar nem sair. Cheios de susto, todos compareceram. Nuno falou-lhes de tal maneira, que eles prometeram obediência ao Mestre. Este veio, recebeu as homenagens e tomou posse da vila ⁽³⁶⁾.

març. primeira
quinzena

O mês de março trouxe, além de uma profunda alteração no cenário da luta: a expansão organizada da revolução. As tropas castelhanas voltaram ao Lumiar. O Rei deixou Santarém (dia 10), garantiu as defesas de Alenquer (dia 11), Torres Vedras (12), Óbidos (13); passou quatro dias no Bombarral (14-17) e fez conselho em Arruda, onde resolveram ficar nos arredores de Lisboa, fechar o cerco assim que chegasse a frota e fazer vir um reforço por terra, de Alcântara ⁽³⁷⁾.

març. 6

Neste meio tempo, Nun'Álvares foi nomeado fronteiro-mor, ou comandante militar do Alentejo. Certamente antes do dia 17 de Março, pois durante a estadia do Rei de Castela no Bombarral, deu-se o ataque a Alenquer, quando Nuno já estava ausente ⁽³⁸⁾. Possivelmente antes do dia 6 de Março, quando o Mestre lhe doou todos os bens confiscados ao traidor David Negro ⁽³⁹⁾. Pois esta doação parece uma ajuda de custo para a campanha no Alentejo, onde os pequenos estavam a favor do Mestre contra os grandes, que guardavam os castelos para Castela.

Nuno iniciou logo os seus preparativos para o novo posto, de tão grande importância: escolheu um bom núcleo de 40 escudeiros de confiança absoluta e mandou fazer o seu célebre estandarte. Além de uma tropa de 200 lanças, o Mestre deu-lhe plenos poderes, fazendo-o seu lugar-tenente em todos os sentidos: podia confiscar os bens dos

(36) Crónica do Condestável, c. 26 (p. 58).

(37) Crónica de D. João I, P. I, c. 84 (I, p. 163-165).

(38) Crónica de D. João I, P. I, c. 109 (I, p. 211).

(39) Chancelaria de D. João I, Livro 1, f. 2r; ver também Pereira de Sant'Ana, *Chronica dos Carmelitas...* I. Lisboa 1745; p. 367-368, 812, onde é publicada a carta de doação.

- 1384 traidores e fazer mercês e doações aos que lhes servissem fielmente ⁽⁴⁰⁾.
- c. març. 7 De Lisboa partiu para Almada. Aqui, ouviu notícias sobre a chegada de sete ou oito navios castelhanos e o ataque que o Mestre lhes desejava fazer. Nuno não se conteve, devia estar presente. Dirigiu-se a Cacilhas e aventurou-se à barra revolta, com seis escudeiros, num pequeno barco; fez duas abordagens, e os navios foram tomados, observa a Crónica do Condestável, sem outros pormenores da luta ⁽⁴¹⁾.
- c. març. 11 Após essa proeza, voltou a Almada e continuou até Coima, onde o foi procurar o Mestre, a fim de almoçar com ele. A seguir, o Mestre tornou a Lisboa e Nuno dirigiu-se com os seus a Setúbal ⁽⁴²⁾. Os moradores não os quiseram receber dentro da vila, pois preferiram manter-se neutros na luta que se travava entre o Mestre e o Rei de Castela. Obrigados assim a pousarem fora, Nuno aproveitou essa noite para um exercício da tropa. Por um rebate falso fez pensar que estivessem frente a uma força de 300 lanças. Alegrou-se muito ao verificar que os seus eram destemidos, dignos da sua confiança ⁽⁴³⁾.
- c. març. 12-13 Foi aqui, ainda, que constituiu o seu Conselho, nomeou os diversos oficiais, mandou preparar a sua capela e lhe indicou um pregador ⁽⁴⁴⁾.
- c. març. 14-15 De Setúbal foi, passando por Palmela, a Montemor o Novo, demorando-se aqui um dia e conseguindo atrair a vila à órbita do Mestre.
- c. març. 16-25 No outro dia chegou a Évora, sede da comarca do Alentejo. Foi bem recebido e todos lhe presta-

(40) Crónica de D. João I, P. I, c. 87-88 (I, p. 167-168); c. 92 (p. 173). Nos registos da Chancelaria de D. João I encontramos a confirmação de várias doações feitas por Nun'Álvares, ver por exemplo: Livro I, f. 100v, a João Gonçalves, da terra de Calvos etc.; f. 103v, a Gomes Aires Tinoso, de casas em Elvas; f. 124v, a Álvaro Rodrigues Carvalho, de uma herdade em Beja.

(41) Crónica do Condestável, c. 27 (p. 60-61). A Crónica de D. João I não relata essa excursão. Por esse motivo Oliveira Martins a rejeita (A Vida de Nun'Álvares..., p. 146, nota 2. A cena, porém, enquadra-se perfeitamente na psicologia de Nuno.

(42) Crónica do Condestável, c. 27 (p. 61-62).

(43) Crónica de D. João I, P. I, c. 90 (I, p. 170-171).

(44) Crónica de D. João I, P. I, c. 91-92 (I, p. 171-173).

1384

c. març. 26 a
abr. 3

ram a devida homenagem e obediência. Começou logo a desenvolver uma grande actividade, a fim de recrutar um maior número de gente. Cartas foram enviadas a todos os lugares da comarca. Continuou depois essas mesmas operações em Estremoz. A cooperação não foi lá tão espontânea. Teve que escrever mais cartas e insistir, viessem quanto antes as tropas necessárias para o serviço do Mestre. Era urgente! As forças castelhanas já se concentravam no Crato, a cada momento podia realizar-se a sua junção com as portuguesas de Pedro Álvares ao serviço de Castela.

abr. 4

O resultado não correspondeu, nem ao trabalho, nem à expectativa. No alardo que fez, contou pouco mais de 1.300 homens ao todo. Além disso, estavam mal armados, desanimados e sem confiança no seu jovem chefe. Este teve que desenvolver todas as suas qualidades retóricas em conversas com os oficiais; finalmente todos aceitaram a luta ⁽⁴⁵⁾.

abr. 5

Batalha dos Atoleiros

abr. 6

Quarta feira da Semana Santa. Um exército de 5.000 homens, bem armados e treinados, é desbaratado por um tropel desorganizado e falto de experiência — mas que se recomendara a Deus, joelho em terra — em uma nova táctica militar, aplicada pela primeira vez na península ibérica. Nuno lançou-se em perseguição dos fugitivos e só obrigado pelo anoitecer voltou ao campo. Já muito tarde, foi dormir em Fronteira ⁽⁴⁶⁾.

abr. 7

No dia seguinte tentou provocar um grupo de Castelhanos, que se refugiara em Monforte. Estes não quiseram sair da vila, embora Nuno esperasse o

(45) Crónica do Condestável, c. 28 (p. 62-69); Crónica de D. João I, P. I, c. 92-93 (I, p. 173-177).

(46) Crónica do Condestável, c. 28 (p. 70-72); Crónica de D. João I, P. I, c. 95 (I, p. 179-183).

- 1384
abr. 8 dia todo e mais a noite. Como se tratasse de lugar bem fortificado, desistiu de um possível cerco e foi em romaria a Santa Maria de Assumar. Era Sexta feira Santa. Encontrou a igreja horrivelmente profanada, pois os Castelhanos a haviam usado como estrebaria. Pessoalmente ajudou a tirar fora o esterco e limpar a igreja.
- abr. 9 Sábado Santo, tomou a vila de Arronches e mandou tomar Alegrete, por um escudeiro seu.
- abr. 10 a jul. Passou a Páscoa em Arronches. A seguir licenciou grande parte dos seus soldados e foi visitar Estremoz, Évora e Montemor o Novo ⁽⁴⁷⁾.
- jun. 1 Em recompensa da vitória obtida nos Atoleiros, que repercutiu tão profundamente no ânimo dos soldados e se constituiu a base da confiança que começaram a ter nas brilhantes qualidades tácticas do jovem comandante, o Mestre fez-lhe «pura doação entre vivos» das terras do condado de Ourém, com as vilas e lugares que lhe pertenciam. Mas ainda sem o título de conde, que lhe foi conferido mais tarde, após a batalha de Aljubarrota. Deu-lhe mais Vila Viçosa, Borba, Estremoz, Montemor o Novo, Almada, Colares, Evoramonte, Unhos, Frielas, Camarate e Bouças ⁽⁴⁸⁾.
- maio 14 A frota, preparada pelo Mestre, deixou Lisboa e foi unir-se à frota que estava no Porto ⁽⁴⁹⁾.
- maio 26 A frota castelhana começou a chegar sobre Lisboa ⁽⁵⁰⁾.
- maio 28 O Rei de Castela fechou o cerco por terra ⁽⁵¹⁾.
- maio-jun. No Norte, combate aos Galegos, que invadiram o Minho; em seguida a frota lusitana percorreu as

(47) Crónica do Condestável, c. 29 (p. 72-73); Crónica de D. João I, P. I, c. 96 (I, p. 183-185).

(48) Cf. Oliveira Martins, A vida de Nun'Álvares..., p. 204, nota 4. Esta doação foi confirmada, com o título de Conde, em Santarém, 1385, Agosto 20, cf. Livro I da Chancelaria de D. João I, f. 82v-83r.

(49) Crónica de D. João I, P. I, c. 111 (I, p. 214).

(50) Crónica de D. João I, P. I, c. 112 (I, p. 216).

(51) Crónica de D. João I, P. I, c. 113 (I, p. 216).

1384

antes de jun. 11

jun. 24

jul.-início

costas da Galiza ⁽⁵²⁾. Tomada de Ourém pelo Mestre da Ordem de Cristo ⁽⁵³⁾.

A frota toda no Porto, por ocasião da festa de S. João ⁽⁵⁴⁾. Mais ou menos nessa época, Nun'Álvares deve ter recebido a ordem do Mestre de convocar soldados e embarcar com eles na frota, que estava no Porto. Nuno aprontou-se e escreveu aos do Porto, que em breve aí estaria. Partiu de Évora, demorou-se um dia em Tomar e almoçou com o Mestre da Ordem de Cristo. Ao chegar a Coimbra, comunicaram-lhe que a frota já estava em Buarcos. Despachou outro recado, pedindo mais uma vez que o esperassem. Pela segunda vez, porém, os chefes da frota não quiseram esperar e, por inveja dele, até apressaram a saída.

Poucos dias Nuno se demorou em Coimbra. Na volta visitou novamente Tomar. Foi a Torres Novas, a fim de se encontrar com um amigo, que desejava conquistar para a causa do Mestre, sem o conseguir. Tornou a Tomar, onde reuniu o seu Conselho, propondo-lhes a ideia de irem a Lisboa e atacar o arraial castelhano. Enviariam um recado ao Mestre para ele sair da cidade num momento sincronizado. Os conselheiros, porém, não aprovaram a proposta e Nuno conformou-se com eles.

Depois passou por Punhete; aqui recebeu a informação de que um grupo de Castelhanos havia de passar por ali perto, a caminho de Castela, com muitas coisas roubadas. Contento, foi esperá-los na ribeira de Alperraião e, além de os aliviar desse tesouro, infligiu-lhes pesadas perdas. Em seguida, voltou para Évora ⁽⁵⁵⁾.

jul. 17

Chegada da frota do Porto a Cascais ⁽⁵⁶⁾.

(52) Crónica de D. João I, P. I, c. 117-121 (I, p. 229-236); c. 124 (p. 242-244).

(53) Crónica de D. João I, P. I, c. 116 (I, p. 226).

(54) Crónica de D. João I, P. I, c. 124 (I, p. 244).

(55) Crónica do Condestável, c. 30-31 (p. 74-78).

(56) Crónica de D. João I, P. c. 131 (I, p. 256).

1384

jul.-fim

Em Évora, Nuno recebeu uma carta do Mestre de Avis, com notícias sobre a chegada da frota e a impossibilidade de uma batalha. Com todos esses homens a mais, os mantimentos minguiavam assustadoramente. Que Nuno viesse quanto antes atacar o arraial de Castela. As tropas da cidade saíam à mesma hora.

Era o que Nuno mais esperava. Novamente, porém, o Conselho mostrou-se desfavorável: o projecto era arriscado; não acreditavam que Lisboa estivesse em tão grande miséria que fosse preciso aventurar tanto. A contra-gosto, Nuno respeitou-lhes o parecer ⁽⁵⁷⁾.

Nessa mesma última semana de julho, fez tomar o castelo de Monsaraz ⁽⁵⁸⁾.

Quando o Rei de Castela soube que Nuno não tinha vindo na frota, despachou ordens de capturá-lo vivo ou morto, pois esse homem era um perigo para a continuação do cerco ⁽⁵⁹⁾.

O primeiro que tentou «ir buscá-lo» foi João Rodrigues de Castanheda. Este estava em Badajoz com 300 lanças. Ao saber disto, Nuno partiu de Évora ao encontro dele. Debalde, os Castelhanos tentaram impedir-lhe a travessia do Guadiana. Após uma luta violenta, eles refugiaram-se na cidade, donde não se atreveram a sair, embora Nuno os esperasse durante muito tempo. Por fim tornou a Elvas ⁽⁶⁰⁾.

ago. 1

Almada, na impossibilidade total de continuar a defesa, entregou-se a Castela ⁽⁶¹⁾.

ago. 8

Com a peste a dizimar-lhe o arraial, o Rei de Castela tentou entrar em acordo com o Mestre de Avis, mas este repeliu-lhe todas as propostas ⁽⁶²⁾.

(57) Crónica de D. João I, P. I, c. 142 (I, p. 290).

(58) Crónica do Condestável, c. 32 (p. 79-80).

(59) Crónica de D. João I, P. I, c. 144-145 (I, p. 293-294).

(60) Crónica do Condestável, c. 33 (p. 81-82); Crónica de D. João I, P. I, c. 144 (I, p. 292-294).

(61) Crónica de D. João I, P. I, c. 137 (I, p. 271).

(62) Crónica de D. João I, P. I, c. 141 (I, p. 286).

1384

ago. 15

Tentativa de traição, por parte do Conde Pedro de Castro, filho do Conde de Arraiolos ⁽⁶³⁾.

Parece que a segunda tentativa de «ir buscar» Nun'Álvares deve ter-se dado depois das negociações de Castela com o Mestre de Avis, e na altura da conspiração do Conde Pedro. Desta forma, Nuno seria impedido de socorrer a cidade. Desta vez, foram encarregados Pero Sarmiento e Pedro Álvares, o próprio irmão de Nuno. Juntar-se-iam com 600 lanças às forças de João Rodrigues de Castanheda, que estavam no Crato.

Disso Nuno foi informado por seus espiões, que operavam em Lisboa e no Crato. Encontrava-se ainda em Elvas e transportou-se rapidamente em direcção de Cano, a fim de impedir a junção das tropas. Perto de Ameial, junto à fonte de Figueira, passou a noite. No dia seguinte continuou a marcha, e já estava além de Avis, quando recebeu o recado de que Pero Sarmiento e Pedro Álvares haviam passado por ali no dia anterior. Chegara tarde! Regressando, novamente por Cano, voltou a Évora ⁽⁶⁴⁾.

Enquanto andava preocupado com esse movimento de tropas, veio-lhe uma carta do Mestre a confirmar as informações recebidas: Pero Sarmiento e Pedro Álvares deixaram o arraial de Lisboa, com 600 lanças. Unidos às forças do Crato, dispunham-se a combater Nuno. Que estivesse atento.

Este já lhes conhecia os efectivos: 2.500 lanças, além de muitos outros homens (provavelmente 12.000 ao todo). Por isso mandou recrutar mais gente. Conseguiu reunir 530 lanças e 5.000 homens de pé.

Os Castelhanos avançaram até Arraiolos, donde provocaram Nun'Álvares, «que aparecesse quanto antes, para apanhar». No dia seguinte,

(63) Crónica de D. João I, P. I, c. 138 (I p. 272-275).

(64) Crónica de D. João I, P. I, c. 145 (I, p. 294-295).

1384

aproximaram-se mais. Nuno deixou Évora e armou o seu campo uma légua adiante, um pouco além da quinta de Oliveira. Esperou, em vão, pelos Castelhanos. Passou a noite no mesmo lugar e de manhã avançou mais uma légua, até Divor, aonde chegaram também os Castelhanos e o cercaram completamente, mas sem querer começar a batalha. Ao contrário, prometeram-lhe grandes mercês e honras se se quisesse bandear para Castela. Nuno mandou responder: que não perdessem o tempo assim inútilmente, estava à espera deles, já que o desafiaram.

Esperou até à noite, debalde. Ao anoitecer, os Castelhanos recolheram as tropas e recuaram. Nuno aproveitou-se disso e levou a sua tropa a Évora. Era uma noite de tempestade. Alguns perderam-se no caminho e foram parar ao arraial castelhano. Outros ficaram nas vinhas, contentando-se com uvas; foram encontrados pelo inimigo.

Ao reunir a tropa, de madrugada, Nuno percebeu que grande parte desertara. Além disso, soube que os Castelhanos já estavam em Viana. Teve intenção de ir-lhes no encalço com as 300 lanças que sobraram; desaconselharam-lho. Dois dias depois, teve notícias de que os do Crato tomaram posse de Arraiolos, entregue por alguns traidores, e dispersaram os soldados. Que Sarmiento, Pedro Álvares e Castanheda estavam a caminho de Lisboa com 700 lanças. Preparou-se para atacar esta tropa. Não o conseguiu, pois ela dispersou-se também, ao ter informação deste projecto, à noite, no Porto do Carro.

Quando Sarmiento e o Prior de Crato chegaram ao arraial de Lisboa, o Rei exprobrou-lhes amargamente a covardia⁽⁶⁵⁾.

Desgostoso, Nuno voltou a Évora. Mandou os seus espiões a Almada, a fim de vigiarem Sar-

(65) Crónica do Condestável, c. 34 (p. 82-87); Crónica de D. João I, P. I, c. 146 (I, p. 296-299).

1384

miento e Castanheda, ora destacados lá no castelo. Calculou o seu tempo, reuniu 300 lanças, mais os necessários homens de pé e moveu-se até Palmela, onde preparou o ataque.

ago. 29

ago. 30

No outro dia teve a sorte de caçar um grande porco, que mandou entregar, na manhã seguinte, a Pero Sarmiento, avisando-o assim da sua presença. À noite saiu de Palmela e, querendo evitar Coina, onde havia uma guarda castelhana, atravessou a charneca de Azeitão, rumo a Sovereda e Almada, aonde chegou de manhã, mais tarde do que tinha calculado, por ter errado o caminho. Mesmo assim surpreendeu a vila, que saqueou à vontade, confiscando grande número de cavalos, quantidade de armas e outras coisas de valor.

set. 1

A seguir reuniu a tropa toda nos morros vizinhos, com a sua bandeira desfraldada e as trombetas a atroarem triunfantemente.

Espantou-se o arraial castelhano — os da cidade olhavam com preocupação: mais um contingente inimigo?

Quando Sarmiento chegou apressado à praça, que devia ter defendido, Nun'Álvares já estava a almoçar em Coina. De tarde repartiu a grande presa e tornou a Palmela. À noite mandou acender grandes fogueiras no castelo. Foi então que os da cidade compreenderam que Nuno ali estava; alegres responderam aos sinais, iluminando por sua vez o paço real ⁽⁶⁶⁾.

set. 3

O Rei de Castela resolveu levantar o cerco, forçado pela grande montandade que lhe causara a

(66) Crónica de D. João I, P. I, c. 147 (I, p. 299-305); Crónica do Condestável, c. 35 (p. 87-91), cujo autor ignoto afirma: a) que Nuno viera à chamada do Mestre de Avis, para os dois se encontrarem em Montijo ou Aldeia Galega; b) que Nuno tomou o castelo de Palmela; c) que por isso, ao chegar a Palmela, deu um aviso da sua presença por grandes fogueiras, que alertaram também o arraial castelhano e Almada; d) que Nuno, por três vezes, ficara à espera do Mestre em Aldeia Galega.

Na sua Crónica de D. João I, Fernão Lopes corrige essas informações: a) nega a tomada do castelo de Palmela, pois já estava a favor do Mestre; b) passa por cima das demais informações; c) mostra que a presença de Nuno constituiu uma surpresa para todos, pois Sarmiento não estava em Almada, o arraial ficou desmorteado e os da cidade não compreendiam a situação.

1384

set. 4

set. 5

peste, que até atacou a Rainha. No dia seguinte pôs fogo ao arraial e seus arredores, e na manhã da segunda feira abandonou finalmente Lisboa, retirando-se a Torres Vedras. Ia triste e cheio de furor rogou pragas contra a cidade: Oh Lisboa! Lisboa; tanta mercê me faça Deus, que ainda te veja lavrada de ferros de arados!» (66.^a)

set. 6

set. 23-30

Acção de graças em Lisboa (67).

Quando Nun'Álvares soube que o Rei de Castela ainda estava em Santarém, com pouca gente, nasceu-lhe o propósito de atacá-lo e nesse sentido foi falar com o Mestre, na última semana de setembro, não obstante a frota castelhana, que continuava a cercar a cidade. Desceu de Palmela ao cabo de Montijo, onde o esperava um barco. Embora bem pudesse evitar a frota, fez questão de passar por meio dos navios e ao estar entre eles mandou soar as trombetas, causando assim uma grande confusão. E aos que lhes perguntavam «quem era?», respondiam «Nun'Álvares!», pois ninguém era capaz de lhes impedir a passagem.

Após o desembarque em Lisboa, foi a Nossa Senhora da Escada assistir à sua Missa e em seguida procurou o Mestre. Durante os dias, que esteve em Lisboa, tiveram muitas reuniões sobre a situação do país e as providências que cumpria se tomassem.

out. 2

Realizou-se um grande comício na igreja de São Domingos, em que o Mestre de Avis expôs a situação e as dificuldades que ainda iam encontrar. Que eles mesmos — fidalgos e povo — tomassem as suas resoluções.

Resolveram que convinha fazer uma nova aclamação do Mestre como Regente e Defensor do Reino; todos deviam prestar-lhe homenagem, ou juramento de fidelidade; todos os concelhos,

(66-A) Crónica de D. João I, P. I, c. 150 (I, p. 314).

(67) Crónica de D. João I, P. I, c. 151 (I, p. 315-320).

- 1384** prelados e fidalgos seriam convocados para as Cortes em Coimbra.
- out. 6 Juramento de fidelidade — privilégios para Lisboa. Neste dia, o Mestre e Nuno concordaram em irem atacar o Rei de Castela. Nuno esperaria pelo Mestre em Palmela, aonde voltou depois de tudo estar assentado ⁽⁶⁸⁾.
- out. 14 O Rei retirou-se para Castela, em verdadeiro cortejo fúnebre, levando os numerosos mortos ilustres ⁽⁶⁹⁾.
- c. out. 16 Ao receber esta notícia, Nuno deixou Palmela e voltou para Évora, passando por Setúbal ⁽⁷⁰⁾.
- out. 24 e 25 Tentativa fracassada do Mestre de ir sobre Sintra ⁽⁷¹⁾.
- out. 28 A frota castelhana abandonou Lisboa e Almada ⁽⁷²⁾.
- out. 30 O Mestre mandou cercar Torres Vedras ⁽⁷³⁾.
- out. 31 Três dias depois da largada da frota, o Mestre recebeu, mais uma vez, a homenagem da vila de Almada ⁽⁷⁴⁾.
- nov.3 a dez. 18 O Mestre no cerco de Alenquer, que se rendeu em 10 de dezembro «avendo já seis domaaas que chegara sobre Allamquer».

(68) Crónica de D. João I, P. I, c. 152 (I, p. 320-327).

(69) Crónica de D. João I, P. I, c. 155, (I, p. 331).

(70) Crónica de D. João I, P. I, c. 154 (I, p. 327); Crónica do Condestável, c. 36 (p. 93). A narração da Crónica do Condestável é um pouco diferente. De Palmela, Nuno teria solicitado licença de atacar o Rei de Castela, que ainda se encontrava em Santarém. O Mestre teria pedido que esperasse, por desejar tomar parte pessoalmente. Impaciente pela demora, Nuno teria-se dirigido a Lisboa, tomando o barco em Aldeia Galega. Teria estado apenas dois dias com o Mestre a discutir este assunto. O Mestre teria negado a licença, por querer ir ele mesmo. Neste impasse, deveria ter chegado a notícia da retirada do Rei de Castela. Assim, Nuno teria voltado a Palmela. Ao passar por Setúbal, alguns fidalgos, que tinham estado com o Mestre no cerco da cidade de Lisboa, teriam se unido a ele. Finalmente, teria voltado para Évora — cf. Crónica do Condestável, c. 36 (p. 92-93). A versão dada por Fernão Lopes parece mais verdadeira e mais de acordo com as circunstâncias excepcionais da situação da política nacional, em que não podia faltar Nun'Álvares Pereira.

(71) Crónica de D. João I, P. I, c. 164 (I, p. 351-353).

(72) Crónica de D. João I, P. I, c. 155 (I, p. 331).

(73) Crónica de D. João I, P. I, c. 171 (I, p. 364-365).

(74) Crónica de D. João I, P. I, c. 165 (I, p. 355).

1384

dez. 19 a fev. 13
nov.

O Mestre no já iniciado cerco de Torres Vedras ⁽⁷⁵⁾. Tomada da vila e do castelo de Portel por Nun'Álvares, com o auxílio de alguns habitantes do lugar. Um clérigo mandou fazer chaves falsas e à hora combinada Nuno e os seus, que vieram por Torre dos Coelheiros, entraram na vila. Não conseguiram tomar imediatamente o castelo, que só se rendeu no dia seguinte. Feitas as alterações necessárias na administração da vila, Nuno voltou para Évora ⁽⁷⁶⁾.

dez. 2.^a quinzena

Quando o Mestre estava no cerco de Torres Vedras, Nuno dirigiu-se de Évora a Elvas, pois recebera recado de que algumas pessoas importantes tramavam a entrega da vila a Castela. Mandou-as a Torres Novas, onde o Mestre os recebeu bem e segurou ao seu serviço ⁽⁷⁷⁾.

Ao estar assim em Elvas a sossegar a vila, chegou ali uma delegação de Vila Viçosa. Ofereceram-lhe, falsamente insinua Fernão Lopes, uma oportunidade de tomar esse lugar por traição. Ao anoitecer deixou Elvas e foi até Arraial, onde passou o resto da noite. Bem de madrugada, mandou adiante o irmão Fernão Pereira com Álvaro Coitado. Estes tentaram entrar pela porta da Torre, sem saberem que o inimigo já estava à espera deles. Uma laje, lançada de cima pela abertura da abóbada, esmagou Fernão e o seu escudeiro. Álvaro conseguiu alcançar a porta, mas ficou ferido e preso.

Nisto chegou Nuno com os seus. Não puderam fazer mais nada e retiraram-se até Borba. No dia seguinte pediu o corpo de Fernão e foi enter-

(75) Crónica de D. João I, P. I, c. 168-169 (I, p. 360-361). Pelo Livro 1 da Chancelaria de D. João I sabemos, que o Mestre estava em Lisboa nos dias 1 e 2 de Novembro (ff. 52v e 55r); em Alenquer desde o dia 5 seguinte (f. 68r), despachando ali regularmente até 11 de dezembro (ff. 65v-68r, 73r) e o último despacho dali é de 18 de dezembro (73v). O primeiro despacho feito em Torres Vedras é do dia 19 de dezembro (f. 68r), e outros seguem regularmente até o dia 13 de fevereiro de 1385 (ff. 9r, 23r-v, 71v, 72r, 74v e Livro 2, f. 22r).

(76) Crónica de D. João I, P. I, c. 167-168 (I, p. 333-338); Crónica do Condestável, c. 37 (p. 93-96).

(77) Crónica do Condestável, c. 38 (p. 97); Crónica de D. João I, P. I, c. 171 (I, p. 365).

1384-1385

rá-lo no convento de São Francisco, em Estremoz.

Depois voltou com mais gente e vários engenhos e iniciou o cerco do lugar. Houve algumas escaramuças. Compreendendo, porém, que não podia tomar a vila, forte e bem abastecida, e que não convinha sacrificar os seus homens, levantou o cerco e tornou a Estremoz.

Aqui planejou a libertação de Álvaro Coitado. Ao saber a data certa em que este ia ser transportado a Olivença, mandou atacar a escolta que o levava, com feliz resultado ⁽⁷⁸⁾.

1385 jan.

De volta em Évora, Nuno recebeu uma chamada do Mestre, que ainda estava no cerco de Torres Vedras ⁽⁷⁹⁾.

jan. 8

Descoberta uma conjuração contra o Mestre. Três conspiradores conseguiram fugir; o quarto foi executado no dia seguinte ⁽⁸⁰⁾.

jan. 9

jan.

Nuno, apenas viera de Évora com 60 homens, ouviu essa notícia em Lisboa, e ainda como os quatro capitães castelhanos de Santarém, Alenquer, Óbidos e Sintra estavam em entendimentos com esses conspiradores e através deles com o defensor de Torres Vedras, para todos fazerem um ataque simultâneo ao arraial português. Sem perder tempo, Nuno armou a sua pequena tropa e foi juntar-se ao Mestre. Este saiu a recebê-lo e durante três dias mantiveram as suas tropas de rigorosa prontidão. Os Castelhanos, porém, não apareceram ⁽⁸¹⁾.

jan. 21

Alenquer virou novamente a favor de Castela ⁽⁸²⁾.

jan. fim

O Mestre e Nuno resolveram continuar o cerco de Torres Vedras por mais quinze dias apenas, a fim de irem então às Cortes de Coimbra. En-

(78) Crónica do Condestável, c. 38-39 (p. 97-100); Crónica de D. João I, P. I, c. 172 (I, p. 366-368).

(79) Crónica de D. João I, P. I, c. 178 (I, p. 382).

(80) Crónica de D. João I, P. I, c. 177 (I, p. 379-380).

(81) Crónica de D. João I, P. I, c. 178 (I, p. 382); Crónica do Condestável, c. 41 (p. 101).

(82) Crónica de D. João I, P. I, c. 179 (I, p. 385).

- 1385 trementes, Nuno mandou chamar as suas tropas alentejanas ⁽⁸³⁾.
- c. fev. 14 O Mestre e Nuno levantaram o cerco e dirigiram-se a Coimbra, passando por Óbidos, Alcobaça e Leiria ⁽⁸⁴⁾.
- març. 3 Chegada a Coimbra — início das Cortes ⁽⁸⁵⁾.
- abr. 6 O Mestre de Avis aclamado como Rei Dom João I de Portugal ⁽⁸⁶⁾.

A CONSOLIDAÇÃO

- abr. 6 Nun'Álvares Pereira nomeado Condestável do Reino e Mordomo-mor; tinha então a idade de 24 anos, 9 meses e 12 dias ⁽⁸⁷⁾.
- abr. 7 Confirmação e nova doação a Nun'Álvares, de alguns reguengos no termo de Lisboa: Frielas, Unhos, Camarate, Sacavém com seus termos, Ribeirão do Sal, pela guisa que os havia D. Leonor, com todos os frutos e rendas e direitos ⁽⁸⁸⁾.
- depois de abr. 10 Nuno foi enviado ao Porto, com uma ordem do Rei para os habitantes: que lhe preparassem uma frota a fim de ir combater os Castelhanos, que outra vez estavam sobre Lisboa.

No Porto, Nuno encontrou sua esposa com a filha. Sem perder tempo, convocou os grandes da cidade e propôs-lhes o assunto da esquadra. Embora não conseguisse este seu intento, obteve um forte socorro em dinheiro para a sua campanha no Minho, quando a seguir lhes comunicou este projecto. A sua intenção era fazer romaria a Compostela. De passagem poderia tomar algumas vilas

(83) Crónica de D. João I, P. I, c. 179 (I, p. 386).

(84) Crónica do Condestável, c. 41 (p. 102); Crónica de D. João I, P. I, c. 180 (I, p. 386-388); o Mestre estava em Leiria no dia 23 de Fevereiro, como consta de um despacho ali feito nesse dia — ver Livro 2 da Chancelaria de D. João I, f. 22r.

(85) Crónica de D. João I, P. I, c. 181 (I, p. 391).

(86) Crónica de D. João I, P. I, c. 192 (I, p. 424).

(87) Crónica do Condestável, c. 42 (p. 104); Crónica de D. João I, P. I, c. 193 (I, p. 424); P. II, c. 1 (II, p. 4). Por esta indicação de Fernão Lopes conhecemos a data exacta do nascimento de Dom Nuno: nasceu no dia 24 de Junho; tinha, portanto, 1 dia em 25 de Junho e 12 dias em 6 de Julho. Mais 9 meses — dá 6 de Abril de 1361. Mais 24 anos — dá 6 de Abril de 1385.

(88) Chancelaria de D. João I, Livro 1, f. 116r.

1385

e castelos do Minho, que estava todo por Castela, e obter ainda cavalgadas para os seus homens ⁽⁸⁹⁾.

Do Porto foi a Leça do Bailio, onde passou a noite. No dia seguinte, ao continuar a sua marcha, recebeu reforço de 40 escudeiros e de muita outra gente; e de todos os lados chegavam-lhe os animais tão desejados, ao todo cerca de 250 peças. Parou a par de Neiva, onde havia um castelo bem fortificado. Tomou-o, após um assalto renhido, em que morreu o alcaide, por rendição. O saque foi abundante, o que ajudou muito a campanha do Minho ⁽⁹⁰⁾.

A seguir passou por Darque e foi a Viana, com o desejo de a conquistar. De parte a parte, desenvolveu-se uma luta violenta e muitos da terra vieram ajudá-lo. Com as portas da cidade já em chamas e ele mesmo ferido, o alcaide capitulou. Nuno tomou posse da vila e ficou ali uns três dias, a fim de lhe organizar a administração ⁽⁹¹⁾.

Ao continuar a sua expedição, sempre rumo ao norte, chegaram-lhe embaixadas de dois lugares minhotos, Vila Nova de Cerveira e Caminha: impressionados com a queda de duas fortificações tão sólidas como Neiva e Viana, apressaram-se a aderir à causa de Portugal; apenas pediram que Nuno enviasse alguma gente de confiança para ocupar as vilas, e não fosse ali o exército todo. Com prazer, o Condestável satisfez a esse pedido.

Por não poder atravessar o rio Minho, Nuno demorou-se numa pequena aldeia (Valença?), junto ao rio, sem desistir do seu propósito de ir até Compostela. Enquanto aguardava uma oportunidade, a vila de Monção enviou-lhe um recado:

(89) Crónica do Condestável, c. 43 (p. 104-105); Crónica de D. João I, P. II, c. 4 (II, p. 13-15).

(90) Crónica do Condestável, c. 43 (p. 106-107); Crónica de D. João I, P. II, c. 5 (II, p. 15-17).

(91) Crónica do Condestável, c. 43 (p. 107-108); Crónica de D. João I, P. II, c. 6 (II, p. 17).

- 1385 viesses alguns escudeiros receber o lugar para Portugal; não mandasse, porém, as tropas. Nuno concordou e mandou ocupar a vila ⁽⁹²⁾.
- abr. 25 Pouco tempo depois de Nun'Álvares ter seguido ao Porto, e a conselho deste, foi também D. João e teve ali uma grandiosa recepção por parte do povo, que lhe tinha sido tão leal desde o início da Revolução Nacional. Durante a sua permanência no Porto, de uns 13 dias pouco mais ou menos, o Rei ficou conhecendo a esposa do seu Condestável e a filha, que um dia seria a sua nora ⁽⁹³⁾.
- abr. 28 Em recordação, talvez, desta visita, o Rei fez doação a Nuno e sua esposa D. Leonor Alvim, do castelo de Montalegre com a sua terra de Barroso, da terra de Pena e dos reguengos de Basto, do Arco de Baúlhe com suas terras e termos, direitos, frutos, foros e pertenças, reservando para si as alçadas das apelações ⁽⁹⁴⁾.
- maio Foi no Porto, também, que se preparou o projecto de tomar, por surpresa, a vila de Guimarães.
- c. maio 7 O assalto realizou-se no dia 7 de maio, provavelmente, e teve o êxito desejado. Começaram então o cerco do castelo.

Este acontecimento deve ter tido uma repercussão enorme, pois no mesmo dia os Bracarenses pronunciaram-se a favor de Portugal e também eles iniciaram o cerco do seu castelo ⁽⁹⁵⁾.

Informado disso, o Rei avisou o seu Condestável, pedindo-lhe que viesse imediatamente a Braga. Nuno deixou a sua aldeia e juntou-se aos Bracarenses. Como os do castelo não se quisessem render, combateram-nos durante duas noites e um

(92) Crónica do Condestável, c. 44 (p. 108-109); Crónica de D. João I, P. II, c. 7 (II, p. 18).

(93) Crónica do Condestável, c. 45 (p. 109-110); Crónica de D. João I, P. II, c. 8 (II, p. 19-21).

(94) Chancelaria de D. João I, Livro 1, f. 106v.

(95) Crónica de D. João I, P. II, c. 8-12 (II, p. 19-31). O Livro 1 da Chancelaria de D. João I mostra que o Rei continuou em Coimbra até 23 de Abril (f. 134v); desde o dia 25 começa a despachar no Porto (ff. 103v e 139r) até 5 de Maio (f. 104r); em Guimarães desde o dia 8 de Maio (f. 103v).

1385

dia, sem cessar. No terceiro dia foi assinada a capitulação.

Um novo apelo do Rei obrigou Nuno a ir a Guimarães, onde tentou entabular negociações sobre a rendição do castelo, sem resultado, porém. Por isso voltou a Braga ⁽⁹⁶⁾.

maio 18-22

Durante o próprio cerco do castelo de Guimarães, o Rei chamou novamente o Condestável, agora para uma expedição conjunta contra Ponte do Lima, onde alguns bons Portugueses estavam a preparar uma entrada na vila por surpresa. Por pouco o projecto não falhou e, uma vez dentro do lugar, foi dura a luta contra as torres fortificadas. Um incêndio, finalmente, provocou a capitulação.

maio 22

No mesmo dia, ainda, o Condestável voltou a Braga, tendo por hóspede o seu Rei; no dia seguinte tornaram a Guimarães.

maio 23

junho início

O castelo finalmente rendeu-se no começo de Junho ⁽⁹⁷⁾.

maio

Enquanto o Rei estava no cerco de Guimarães e o Condestável no Minho, organizou-se em Castela uma tropa de 400 lanças, mais os homens de pé, que invadiu o país, roubando e saqueando Almeida, Pinhel, Trancoso e Viseu. Os fidalgos da Beira uniram-se e obrigaram os Castelhanos a uma batalha, perto de Trancoso, infligindo-lhes uma derrota total e completa. A tropa invasora tinha sido uma divisão do exército que Castela preparava para a sua campanha contra Portugal. A frota já estava sobre Lisboa, em parte desde Março, e dificultou um pouco a chegada dos aliados Ingleses

(96) Crónica do Condestável, c. 46 (p. 110-112).

(97) Crónica do Condestável, c. 47 (p. 112); Crónica de D. João I, P. II, c. 14-17 (II, p. 32-41). Seguindo os despachos do Livro I da Chancelaria de D. João I, vemos que o Rei continuou em Guimarães até o dia 17 de Maio (f. 104v); nos dias 19, 20 e 21 estava em Ponte do Lima (ff. 142v e 107v); no dia 23, sempre do mesmo mês, estava novamente em Guimarães (f. 106v), onde continuou até o dia 7 de junho certamente (f. 109r-v). No dia 10 de junho, já estava no Porto (f. 110r).

- 1385 em 2 de Abril. Estes foram enviados para o Alentejo ⁽⁹⁸⁾.
- jun. Ao receberem essas informações e calculando que a invasão do exército castelhano em formação se daria pelo Alentejo, o Rei e o Condestável resolveram cortar-lhes o caminho para Lisboa.
- jun. 10-17 Foram primeiro ao Porto a fim de juntarem mais gente. Depois estiveram alguns dias em Coimbra, jun. 21-25 e a seguir em Penela e Tomar. Durante poucos jun. 25 dias cercaram Torres Vedras, enquanto esperavam notícias e reforços de Lisboa. Como a cidade não jul. 3 e 4 pudesse ceder, para logo, homens armados, continuaram até Golegã (dia 5). No dia seguinte (6) fizeram a travessia do Tejo, no vau de S.^{ta} Iria, junto a Santarém, baluarte principal das forças castelhanas em Portugal. Por conseguinte, a travessia foi feita com as tropas em prontidão rigorosa, alinhadas para um possível combate. E de facto houve uma forte escaramuça.
- jul. 5 e 6 Pernoitaram na lezíria da Condessa e ao outro dia (7) entraram em Muge. Aqui devem ter recebido informações mais concretas: a concentração das tropas castelhanas realizava-se, não em Badajoz, mas em Ciudad Rodrigo. A invasão seria, portanto, pela Beira.
- jul 7 Atravessaram, por isso, novamente o Tejo ali mesmo, e acamparam perto de Cartaxo. A seguir (dia 8) foram até perto de Alenquer, onde reuniram o Conselho ⁽⁹⁹⁾.
- jul. 8, 9 O Rei ficaria à espera das tropas de Lisboa e mandaria chamar as da Beira, enquanto o Condestável fosse ao Alentejo, recrutar toda a gente possível. Depois se encontrariam em Abrantes ⁽¹⁰⁰⁾.
- jul. 10 As tropas de Lisboa chegaram no dia 10 de Julho;

(98) Crónica de D. João I, P. II, c. 3 (II, p. 12-13); c. 18-21 (p. 41-49).

(99) Crónica do Condestável, c. 48 (p. 113-114); Crónica de D. João I, P. II, c. 21-23 (II, p. 49-53). Quanto à cronologia, ver nossa nota 101.

(100) Crónica de D. João I, P. II, c. 23 (II, p. 53).

- 1385 pouco depois o Rei deve ter ido a Abrantes, onde esperou por Nuno ⁽¹⁰¹⁾.
- Este demorou mais. Partindo de Alenquer, pousou em Muge no primeiro dia; depois um pouco além de Salvaterra, e a seguir em Montemor o Novo, chegando finalmente a Évora, donde escreveu aos diversos capitães do Alentejo, pedindo que viessem quanto antes com as suas tropas. Reunida a maior parte, foi a Estremoz esperar o resto. Ao todo concentrou 500 lanças e 2000 peões.
- c. jul. 10-20 No último dia de Julho, recebeu uma chamada urgente do Rei, chegasse imediatamente a Abrantes, com as suas tropas, pois os de Castela já estavam a caminho de Coimbra ⁽¹⁰²⁾.
- c. jul. 20-31 De facto, o Rei de Castela invadira a Beira e, em Agosto, estava em Coimbra ⁽¹⁰³⁾.
- jul. 31 Diante disto, D. João reunira o seu Conselho, num Domingo, e nesse mesmo dia enviara o dito recado ao Condestável, que o recebeu no dia seguinte ⁽¹⁰⁴⁾. Sem demora este convocou também o seu Conselho e comunicou-lhe as notícias recebidas. Resolveram partir. Em três dias de marchas forçadas, pousando sucessivamente em Avis, Ponte de Sor e a duas léguas de Abrantes, alcançaram o arraial do Rei ⁽¹⁰⁵⁾.
- ago. 1 a 3 No outro dia houve reunião do Conselho; a maioria declarou-se contrária a uma batalha. Nuno in-
- ago. 4

(101) Crónica de D. João I, P. II, c. 24 (II, p. 55). Para a reconstrução da cronologia seguimos, novamente, a Chancelaria de D. João, Livro I, que fornece as seguintes indicações: no Porto, 10 a 17 de Junho (ff. 110r, 112r, 159r); em Coimbra, dias 21 a 25 de junho (ff. 101r-v); em Tomar, dia 25 (f. 101v=Ceras); sobre Torres Vedras, dias 3 e 4 de Julho (f. 97r-v); finalmente, em Abrantes, certamente, a partir do dia 18 de Julho (f. 97r).

Não queremos deixar de registar aqui uma doação feita a D. Iria Gonçalves, mãe do Condestável, pelos muitos serviços prestados por seus filhos, para sempre, para ela e os seus descendentes, da portagem de Marvão, com todas as rendas e pertenças — ver o mesmo Livro I, f. 97v; o número do dia está riscado, mas é do mês de Julho; a doação anterior tem: Abrantes, 30-7, a seguinte: Abrantes, 28-7, seguem mais outras, todas dadas em Abrantes, em 1-8, 1-8, 30-7, 5-8.

(102) Crónica do Condestável, c. 49 (p. 115-116).

(103) Crónica de D. João I, P. II, c. 28 (II, p. 63-65).

(104) Crónica de D. João I, P. II, c. 24 (II, p. 50).

(105) Crónica do Condestável, c. 50 (p. 117).

1385

sistiu fortemente na sua necessidade, por motivos políticos e estratégicos; além disso, tal fora sempre a vontade do Rei e a finalidade da concentração das tropas. Recuar agora, seria uma vergonha, uma covardia, seria despedaçar os corações dos bons Portugueses que esperavam deles a sua defesa.

ago. 5

Como o Rei hesitasse em lhe dar apoio, Nun'Álvares abandonou bruscamente o Conselho. Na madrugada do dia seguinte, chamou a sua tropa e deixou Abrantes, rumo a Tomar, sem dar satisfação a ninguém.

Consternados e furiosos, os conselheiros tiveram uma nova reunião com o Rei. Este defendeu o Condestável e o seu ponto de vista: a batalha era indispensável de facto e confiava plenamente em Nuno para ela. Resolveram chamá-lo para uma nova discussão.

Altiva foi a resposta de Nun'Álvares: Não sou homem de muitos pareceres e, como foi combinado não deixar passar os Castelhanos, vou pôr-lhes batalha. Se o Rei quiser tomar parte nela, mande-mo dizer e aguardá-lo-ei em Tomar.

Dom João enviou um segundo correio: voltasse todavia, mas, se o não quisesse, fosse esperá-lo em Tomar. E assim, o Condestável continuou o seu caminho.

ago. 6

ago. 7 a 10

Um dia depois, seguiu o Rei com o resto das tropas e uniram-se no arraial de Tomar, onde se prepararam para a batalha que estava iminente⁽¹⁰⁶⁾.

A este mesmo tempo, o Rei de Castela deve ter chegado a Leiria, pois só aqui ficou certo de que os Portugueses resolveram pôr-lhe batalha⁽¹⁰⁷⁾.

Inspeção e exercício das tropas. Tanto o Rei

(106) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 118-120); Crónica de D. João I, P. II, c. 29-30 (II, p. 65-72). — Oliveira Martins, A Vida de Nun'Álvares..., p. 255, seguindo a Monarchia Lusitana (VIII, p. 789-790), afirma que o Rei partiu de Abrantes a Tomar no dia 8 de Agosto. Pela Chancelaria de D. João I sabemos apenas que ele estava em Abrantes no dia 5 (Livro I, f. 98r) e em Tomar no dia 10 (f. 95r). Parece-nos, todavia, mais natural, que tenha seguido o Condestável no dia seguinte, a fim de, juntos, prepararem tudo e treinarem as suas tropas para a batalha, que se aproximava.

(107) Crónica de D. João I, P. II, c. 28 (II, p. 65).

1385

ago. 11

como o Condestável tiveram uma troca de cartas e avisos com o Rei de Castela e procuraram conhecer os efectivos e a disposição do inimigo ⁽¹⁰⁸⁾. O exército português, ordenado e de prontidão, dirigiu-se a Ourém, onde o Condestável e a sua vanguarda se alojaram ao pé da vila, contra Atouguia das Cabras.

ago. 12

No sábado foram a Porto de Mós.

ago. 13

Domingo. Enquanto a tropa descansava, Nun'Álvares foi enviado na direcção de Leiria, a fim de observar o inimigo que, porém, continuava invisível. Subiram vários outeiros e, se não deram com os Castelhanos, ficaram conhecendo o terreno. Não resta dúvida alguma, neste dia o competente e prudente Condestável deve ter escolhido o campo de batalha. A posição, extremamente favorável, dos Portugueses não tinha sido um lance de sorte. Além disso, as recentes descobertas arqueológicas provam claramente a preparação do terreno: todo um sistema frontal de defesas acessórias protegia um estrangulamento natural do planalto — lugar bem escolhido, onde haviam de estar as tropas nacionais. Mais adiante, dois pequenos ribeiros iam estorvar as alas castelhanas. Os fossos, as covas de lobo e a estacada, que tão dolorosa surpresa constituíram ao inimigo, foram preparados de antemão pelo astuto Condestável, com o auxílio de técnicos ingleses, que os havia na sua tropa; pois não foram despachados de Lisboa ao Alentejo?

A escolha do terreno e a sua preparação táctica demonstram insofismavelmente o génio militar do Condestável. Apesar de ter apenas 25 anos, conhecia e applicava a mais moderna estratégia do seu tempo, àvidamente aprendida com os aliados ingleses, já desde o tempo de D. Fernando, quan-

(108) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 120-121); Crónica de D. João I, P. II, c. 31-32 (II, p. 72-76).

1385

ago. 14

do com eles esteve em Lisboa, durante meio ano aproximadamente ⁽¹⁰⁹⁾.

Antes da madrugada: missas e comunhões. Ao alvorecer foram a caminho de Aljubarrota; Nuno, sempre na vanguarda, a indicar o sítio escolhido. Ocupado este, começaram a ordenar o exército para a batalha. Pelas 10 horas da manhã, estava tudo organizado ⁽¹¹⁰⁾.

Pelo meio dia, aproximaram-se os Castelhanos, vindos de Leiria. Como se desviassem em direcção de Aljubarrota, houve necessidade de mudar ligeiramente a posição dos Portugueses, que estavam de rosto contra Leiria e agora se viraram contra o mar. Os Castelhanos não vinham muito dispostos à luta. Por meio de parlamentários tentaram convencer Nun'Álvares da inutilidade de uma batalha e fizeram-lhe grandes promessas. Nuno repeliu-os.

Mais tarde ainda, os Castelhanos reuniram mais uma vez o seu Conselho e discutiram largamente, se deviam, ou não, aceitar a batalha; se convinha lutar imediatamente, ou adiar a peleja até o dia seguinte. Já era a hora de véspera, quando o Rei finalmente se decidiu ⁽¹¹¹⁾.

Batalha de Aljubarrota

Efectivos de ambos os exércitos

<i>Portugal</i>	<i>Castela</i>
1.700 lanças	6.000 lanças
800 besteiros	8.000 besteiros
4.000 peões	15.000 peões
<hr/>	2.000 ginetes
6.500 total	<hr/>
	31.000 total

(109) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 121); Crónica de D. João I, P. II, c. 32 (II, p. 77); A. B. da Costa Veiga: Aljubarrota; trabalhos em execução de arqueologia militar. Lisboa 1958, p. 16-19; Pereira da Costa, O Campo de Aljubarrota: Diário de Notícias, 13-9-1960, p. 1. e 4.

(110) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 122); Crónica de D. João I, P. II, c. 32-33 (II, p. 77-78).

(111) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 122-123); Crónica de D. João I, P. II, c. 33-35 (II, p. 79-88).

O choque das duas tropas inimigas iniciou-se, bem passada a hora de véspera.

O primeiro ataque veio dos Castelhanos, pois lhes competia, como invasores. A sua tremenda superioridade rompeu a vanguarda portuguesa. Ao penetrarem nela os Castelhanos, as duas alas de Portugal alinharam-se atrás da vanguarda. O próprio Rei, assim que viu o perigo em que se encontrava o Condestável, fez avançar a retaguarda. Resultou um impacto medonho, uma luta violenta e rápida. Tombou a bandeira de Castela. Confusão entre os Castelhanos. Retirada. Debandada geral, com o Rei na frente, que galopou até meia noite, indo abrigar-se, aniquilado, a Santarém.

Mesmo assim, a retaguarda ainda passou por um mau momento, quando uma das alas castelhanas a atacou por detrás. O Condestável, avisado pelo Rei, acudiu imediatamente e os peões cobraram ânimo, mesmo porque não podiam fugir em consequência do erro táctico que a ala cometeu ao envolvê-los desta maneira. Diante da derrota já geral, abandonou também ela o campo.

Em menos de meia hora realizou-se esta façanha incrível. Os Castelhanos deixaram o campo com forças superiores em qualidade e em número aos efectivos lusitanos, que iniciaram a luta.

Bem dissera Nuno: sei que sois mais numerosos e mais bem corregidos, maior, porém, é todo o auxílio que vem de Deus.

Grande número dos fugitivos encontrou a morte às mãos do povo. Um espólio riquíssimo e enorme reserva de mantimentos ficaram para o exército português. E porque o grosso das forças castelhanas escapou do campo, o Condestável, sempre prudente, destacou muitos guardas, pois andava preocupado com uma possível volta do inimigo ⁽¹¹²⁾.

(112) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 124-126); Crónica de D. João I, P. II, c. 33 (II, p. 78-82); c. 36 (p. 91); c. 41 (p. 102-107); c. 44 (p. 113-114).

- 1385 Por isso mesmo, é pouco verossímil o que afirma
 ago. 15 a 17 Fernão Lopes, quando diz que Nuno, logo no dia
 seguinte — festa de Santa Maria de Agosto — fez
 uma romaria a S.^{ta} Maria de Ceissa em Ourém.
 Mais congruente parece-nos a versão da Crónica
 do Condestável, já que ao Rei cumpria ficar três
 dias no campo da batalha, segundo o uso da Cava-
 laria medieval: «ao terceiro dia se foi o Conde em
 ago. 17 romaria a Santa Maria de Ceissa de Ourém, e to-
 mou logo posse do lugar de Ourém, de que lhe el-
 -Rei fizera mercê e doação... E o Condestável se
 tornou logo de Ourém para el-Rei, onde a batalha
 fora».
- Neste mesmo dia ainda, cumprido o uso ritual
 dos três dias, e por tornar-se insuportável o «fedor
 dos mortos», ambos se dirigiram a Alcobaça ⁽¹¹³⁾.
 ago. 18 Aqui receberam notícias sobre a fuga do Rei de
 Castela: chegara a Santarém à meia noite do fatí-
 dico dia 14; nessa mesma noite mandara preparar
 uma barca; chegara a Lisboa no dia 15, e de lá par-
 tira a Sevilha no dia 17, numa das galés da sua fro-
 ta. Ouvindo isso, partiram imediatamente a San-
 tarém e encontraram a vila já em mãos portugue-
 sas ⁽¹¹⁴⁾.
- ago. 20 Confirmação das doações já feitas a Nun'Álvares e
 outras novas: Vila Viçosa, Borba, Estremoz, Evo-
 ramonte, Portel, Montemor o Novo, Almada, Se-
 túbal com os seus reguengos, Frielas, Unhos, Ca-
 marate, Colares com os seus reguengos e termos,
 o serviço real dos judeus em Lisboa e seus termos,
 o condado de Ourém com suas terras, lugares e vi-
 las, Porto de Mós, Rabaçal, Bouças, Alvaiázere,
 Terra de Pena, Terra de Basto, Arco de Baulhe,

(113) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 126); Crónica de D. João I, P. II, c. 45 (II, p. 118). O Livro 1 da Chancelaria de D. João I regista um despacho do dia 17 em Alcobaça (f. 99v). Para o mesmo dia há um despacho feito em Santarém (f. 88r) — como este está entre registos nos dias 25 a 29, não será temerário, suponho, alegar aqui o famoso «erro de copista», ver f. 87r.

(114) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 126); Crónica de D. João I, P. II, c. 42-43 (II, p. 108-110); c. 49-50 (p. 131-134).

1385

Terra de Barroso; e em préstamo Silves e Loulé⁽¹¹⁵⁾.

Neste mesmo dia é criado Conde de Ourém, pois, embora já possuísse as terras deste condado desde 1-6-1384, só hoje recebeu o título de Conde. As duas Crónicas são explícitas neste ponto. A do Condestável diz: «e estando el-Rey em Santarem, fez o Condestabre /!/ de Ourem, porque ajnda nom era senom Comdestabre». Na Crónica de D. João, Fernão Lopes reproduz o acordo entre o Rei e o Condestável acerca deste ponto: querendo o Rei oferecer-lhe o título de Conde, Nun'Álvares aceitou-o sob a condição de ninguém mais ser criado Conde durante a sua vida. Aceita esta condição, o Rei conferiu-lhe o título «como se custuuma de fazer»⁽¹¹⁶⁾.

ago. 23

Doação dos direitos de Guimarães a Nun'Álvares, «em prestamo, em quanto sua mercê fosse»; também de Ponte de Lima, Valença, Vila Real, Chaves, Bragança e Atouguia, com todos os seus termos, rendas e pertenças⁽¹¹⁷⁾.

set. início

Enquanto o Rei continuou em Santarém, até o dia 9 de Setembro, encontramos o Condestável, já «no começo do mês de Setembro», em Évora, segundo Fernão Lopes, ocupado em preparar uma expedição pela própria Castela, a fim de aproveitar a confusão do país tão duramente provado, para desferir-lhe um novo golpe. De todos os lados chamou os seus «alentejões», que deviam concentrar-se em Estremoz, aonde ele seguiu depois. Conseguiu reunir uma tropa de 1.000 lanças e 2.000 peões e besteiros⁽¹¹⁸⁾.

(115) Chancelaria de D. João I, Livro 1, ff. 82v-83r.

(116) Crónica do Condestável, c. 51 (p. 126); Crónica de D. João I, P. II, c. 51 (II, p. 137-138).

(117) Chancelaria de D. João I, Livro 1, f. 114v.

(118) Crónica do Condestável, c. 53 (p. 129); Crónica de D. João I, P. II, c. 52 (II, p. 139-140). — O Livro 2 da Chancelaria de D. João mostra que o Rei continuou em Santarém até o dia 9 de Setembro (f. 27v), quando se mudou para Porto, onde ficou até 27 de Outubro (Livro 1, ff. 169v, 143r-v, 162v). A sua romaria a Nossa Senhora de Oliveira, em Guimarães, pode ter sido entre os dias 10 e 15 de Setembro.

1385

Partiu de Estremoz numa segunda feira, dois de Outubro, passou por Vila Viçosa e Elvas, atravessou o Guadiana perto de Badajoz, e fez ali o seu acampamento.

out. 2

out. 3

out. 4 a 15

No dia seguinte chegou a Almendral.

Em outro dia foi até Parra. Aqui o Mestre de Alcântara ameaçou fazer um ataque, porém ao aparecer Nun'Álvares, embora com pouca gente, afastou-se logo.

De Parra foi a Zafra; no caminho encontrou-se novamente com o Mestre, que vinha descendo da serra. Fugiu mais uma vez, quando Nuno se dirigia para ele.

Sem outro estorvo atravessou Fonte do Mestre e chegou a Vila Garcia, cujos habitantes já haviam fugido espavoridos. Até o castelo, por sinal bem fortificado, jazia completamente abandonado. Vila e castelo foram saqueados à vontade.

Após ter recebido os desafios a uma batalha, por parte de numerosos capitães e dos Vinte e Quatro de Sevilha, Nuno pensava ir em romaria a Santa Maria de Guadalupe. Ao considerar, porém, os prejuizos que a sua gente, forçosamente, ia causar a essas terras de Santa Maria, mudou de ideia e movimentou-se rumo a Magacela. Uma terceira vez o Mestre de Alcântara, já com uma tropa bem maior, tentou cortar-lhe o caminho. Ao vê-lo, o Condestável desviou em direcção a ele. Mais não foi preciso para o Mestre se retirar.

out. 16

Nuno continuou até Vila Nova de Serena e ultrapassou Mérida a caminho de Valverde, com o Mestre sempre a observar-lhe os movimentos, sem ousar atacá-lo.

À beira do Guadiana fez o seu acampamento e pôs guardas no arraial ⁽¹¹⁹⁾.

(119) Crónica do Condestável, c. 53-54 (p. 129-134); Crónica de D. João I, P. II, c. 53-54 (II, p. 142-145).

Batalha de Valverde

1385

Pelos prisioneiros, Nuno ficou sabendo que as forças de toda a Andaluzia, de Sevilha e de Córdova, de Jaen, da Mancha e do Aragão estariam reunidas no dia seguinte, para um combate que esperavam fosse decisivo. Seriam ao todo 33.000, mais gente do que em Aljubarrota, embora menos treinada.

out. 17 e 18

No dia seguinte, Nuno procurou o vau, perigoso mas único, a uma légua e meia do arraial, afim de fazer a travessia do Guadiana.

A situação era delicadíssima: estava no meio de dois troços do exército inimigo, que ocupavam as encostas que ladeavam o rio, de um e outro lado. Mais de 20.000 empurravam-no, mais de 10.000 esperavam-no além da ribeira. Por entre grandes escaramuças chegou ao vau; alinhou aqui a sua tropa e, para desimpedir o local, teve que lutar duramente. A seguir, fez passar a vanguarda, voltou atrás e guiou a travessia de toda a carriagem e da retaguarda.

Concertadas as suas forças, levou a vanguarda para a frente. Sucessivamente, ocupou três outeiros, desalojando deles os Castelhanos, que fugiam de um para outro, de forma que Nuno tinha que enfrentar um número cada vez maior. Por duas vezes esteve em perigo a sua retaguarda.

Já na encosta da serra, onde estava o grosso da hoste castelhana, e sob uma chuva de setas, lanças e pedras, confortou e animou os seus, sem parar nenhum momento, não obstante estar, ligeiramente, ferido no pé.

De repente, deram pela falta de Nuno. Procuraram-no angustiados, pois a situação perigava, até o encontrarem, um pouco afastado, por entre penhascos, absorto em oração. O primeiro recebeu por resposta: «ainda não é tempo». O segundo criticou-o: que não era agora tempo de rezar — fi-

1385

zesse andar a bandeira! Este nem resposta obteve. E lá adiante continuavam a ferir e matar as setas, as lanças e as pedras...

Terminada a sua oraçã, chamou o seu alferes, apontou a bandeira do Mestre de Santiago de Castela e deu ordem de chegar até lá com a sua bandeira.

Exortou a tropa: Amigos, avante! Imediatamente subiram a ladeira. Numerosos Castelhanos, com o Mestre na frente, desceram ao encontro deles e iniciaram a batalha, que foi particularmente renhida, por causa da enorme superioridade dos Castelhanos. Os Portugueses conseguiram romper as linhas — o Mestre caiu nesta luta — e enfiaram-se como um bloco maciço no meio dos inimigos, que tinham ficado no alto da serra. O outro Mestre, o de Alcântara, foi o único a tentar reagir, mas todos o abandonaram. O Condestável perseguiu os fugitivos por uma légua, e à noite tornou ao arraial de Valverde, «dando muitas graças a Deus, que lhe em terra de seus inimigos dera tamanha vitória deles».

Toda a batalha tinha durado dois dias. «de sol a sol em pelejar» ⁽¹²⁰⁾.

out. 19

«Em outro dia partiu o Conde, caminho de Portugal». Ao passar ao pé de Mérida, onde havia muitos refugiados, estes saíram da vila a observá-lo. Nuno mandou um contingente a eles, e não o «quiseram atender». E esse dia chegou a Sennerra. De Badajoz vieram muitos olhar a hoste mas não fizeram nada.

out. 20

«Dali partio o Conde outro dia por se vir dormir a Elvas.» Toda a campanha durou «dezoito dias» e rendeu uma grande quantidade de gado e outros

(120) Crónica do Condestável, c. 54 (p. 135-139); Crónica de D. João I, P. II, c. 55-57 (II, p. 147-152).

- 1385-1386 animais. Além disso, havia um bom número de prisioneiros ⁽¹²¹⁾.
- out. 8 Enquanto o Condestável andava nessa campanha, o Rei conferiu-lhe o título de Conde de Barcelos, doando-lhe as terras desta vila e seu termo, com todos os direitos, rendas e jurisdições ⁽¹²²⁾.
- out.-fim Ao chegar à sua comarca do Alentejo, Nuno comunicou a Dom João os resultados da sua expedição e da batalha de Valverde, pedindo ao mesmo tempo perdão de ter agido sem a necessária licença ⁽¹²³⁾.
- À mão do Livro I da Chancelaria de D. João, podemos precisar de alguma maneira as sucessivas residências do Rei, neste fim do ano e no início do seguinte:
- out. 28-nov. 16 Permanência em Guimarães ⁽¹²⁴⁾.
- nov. 22-dez. 23 Permanência em Vila Real ⁽¹²⁵⁾.
- 1385-1386 No arraial de S. Pedro de Agostém (S. Pedro de Veiga e S. Pedro sobre Chaves) ⁽¹²⁶⁾.
- dez 23-jan. 11 Sobre Chaves ⁽¹²⁷⁾.
- jan. 15 O Rei começou o cerco da vila de Chaves ⁽¹²⁸⁾.
- jan. 11 a 15 Preocupado com a defesa do Reino e um possível ataque de Castela, com o fim de livrar Chaves, o Rei convocou as tropas do país. As cartas chegaram durante o correr do mês de Fevereiro; as tropas, provavelmente, estariam em exercício a partir de Março, pois Lisboa deu soldo, aos seus soldados, para os meses de Março, Abril e Maio.
- fev. Também o Condestável, assim que recebeu o

(121) Crónica do Condestável, c. 54 (p. 139); Crónica de D. João I, P. II, c. 57 (II, p. 152-153). — Observação: interpretamos as expressões «em outro dia», «o outro dia» como «no dia seguinte», pois terminada a batalha, já não havia motivo para uma permanência mais prolongada. Nuno não costumava perder tempo. A ser exacta a nossa interpretação, podemos datar a batalha de Valverde, que «durou dois dias, de soll a soll», no dizer da Crónica do Condestável.

(122) Chancelaria de D. João I, Livro I, f. 76r.

(123) Crónica de D. João I, P. II, c. 62 (II, p. 162).

(124) ff. 144r-v; 158r; 160r-162r.

(125) ff. 148r; 145r; 163v; 165r-v; 183v.

(126) ff. 148r-149v.

(127) f. 149v.

(128) Crónica de D. João I, P. II, c. 63 (II, p. 164).

- 1386 recado, chamou a sua gente. Reunida a sua tropa, partiu para o Porto, onde esperou a chegada do grosso da tropa.
- març. Do Porto foi a Castelãos, onde armou o seu arraial, que deixou entregue ao tio Martim Gonçalves de Carvalhal.
- març.-abr. Ele mesmo dirigiu-se a Chaves, onde ficou com o Rei no cerco da vila ⁽¹²⁹⁾.
- abr. 17 O Rei fez doação a Nun'Álvares das rendas dos tabeliães da comuna dos Judeus de Lisboa ⁽¹³⁰⁾.
- maio-início A vila de Chaves capitulou ao fim de quatro meses de cerco, aproximadamente. O Rei doou-a ao Condestável ⁽¹³¹⁾.
- De volta no seu arraial de Castelãos, Nuno tentou a rendição de Bragança, por meio de negociações, sem o conseguir, porém.
- Após ter feito uma romaria a Santa Maria de Azinhoso, começou a executar um projecto, que há muito tinha em mente. Expulsou do arraial todas as mancebas e proibiu o jogo, não atendendo à grande resistência dos seus comandados. E quando o Rei chegou de Chaves, Nuno fez com que ele introduzisse a mesma proibição também no seu arraial.
- c. maio 6 De Castelãos foi a Valariça, termo da Torre de Moncorvo, onde se reuniram os dois exércitos do Rei e do Condestável: 4.500 lanças (o que supõe uma tropa de 25.000 homens, mais ou menos). E este alardo foi o maior que até então se tinha visto em Portugal, acrescenta Fernão Lopes ⁽¹³²⁾.

(129) Crónica de D. João I, P. II, c. 63 (II, p. 164); c. 64-65 (p. 166-169).

(130) Chancelaria de D. João I, Livro 1, f. 174r.

(131) Crónica de D. João I, P. II, c. 68 (II, p. 175). — No dia 6 de Maio, o Rei já estava no arraial de Castelãos, de forma que a rendição de Chaves se deu nos primeiros dias de Maio, ver Livro 2 da Chancelaria de D. João I, f. 26v. — Afirma Fernão Lopes, que o Rei deu a vila ao Condestável. Esta doação não consta dos registos. Há o registo de uma doação anterior, da vila de Chaves, feita em 23-8-1385 (Livro 1, f. 114v), e outro da concessão da jurisdição sobre Chaves, em troca da jurisdição que Nuno possuía em outras vilas, de 15-11-1388 (Livro 1, f. 194v).

(132) Crónica do Condestável, c. 55 (p. 141-142); Crónica de D. João I, P. II, c. 69-71 (II, p. 175-181). O Livro 1 da Chancelaria de D. João I, regista a sua presença nesta vila, nos dias 10 e 13 (f. 32r) e no dia 20 (f. 63v).

1386

Os dias, passados em Valariça, serviram para preparar uma nova campanha militar por terras castelhanas. Sendo Fernão Lopes, novamente, muito omissos na indicação das datas, vamos respigá-las, mais uma vez, no Livro I da Chancelaria de D. João I:

maio 24

Romaria do Rei a Santa Maria de Oliveira em Guimarães ⁽¹³³⁾.

maio 26

Atravessado o Douro, foram até Osealhão ⁽¹³⁴⁾.

maio 27

Presença em Almendral ⁽¹³⁵⁾.

A seguir, foram a Almeida; tomaram a vila e o castelo.

jun. 6

Aqui estavam certamente no dia 6 de junho ⁽¹³⁶⁾.

Ao entrarem em Castela, o Rei dividiu o exército em três corpos, cada um com o seu próprio chefe e itinerário.

c. jun. 8-13

Como de costume, o Condestável ficou com a vanguarda. Na companhia dele iam o Mestre de Cristo, os irmãos Martim e Gonçalo Vasques, João Fernandes Pacheco e outros aliados, que eram ao mesmo tempo os seus rivais, já desde as Cortes de Coimbra.

Estes, por despeito, adiantaram-se à tropa, querendo tomar, por conta própria, alguns lugares, pouco fortes embora, a fim de empanarem a glória de Nuno. Ocuparam Fiolosa. San-Felice, porém, recusou-se a recebê-los, só se entregaria ao Condestável. Assim, tiveram que esperar por ele. Nuno foi admitido na vila, enquanto os outros podiam ficar fora.

Furiosos, conspiraram contra o Condestável. Convidá-lo-iam a um almoço e provocariam uma discussão. Posto que lhes conhecesse a intenção, Nuno aceitou o convite e combinou com alguns,

(133) Livro I, f. 24r.

(134) Livro I, f. 24r.

(135) Livro I, f. 23v.

(136) Livro I, f. 24r.

1386

que estivessem de prontidão na vizinhança da tenda do Mestre de Cristo.

Durante a refeição, João Fernandes Pacheco falou-lhe desabridamente, mas Nuno não se deixou provocar, respondeu sempre com bons modos, sem se alterar.

De tarde, continuaram até Fuenteguinaldo, onde se demoraram três dias. Dali foram a Robleda e chegaram a Cória, ponto combinado para o reencontro dos três corpos, antes dos outros.

jun. 14-30

O Rei fez questão de cercar essa vila pequena, sem importância e sem riqueza, contra o parecer do Condestável e de muitos outros. O tempo encarregou-se de dar razão a estes. Não houve progresso nenhum e as doenças obrigaram o Rei a levantar o cerco.

jul. 2

Reentraram em Portugal e em Penamacor dissolveram as suas tropas.

jul. 15

O contingente de Lisboa foi recebido nesta cidade, com grandes festas, em 15 de julho.

O Condestável, antes de voltar para a sua comarca, nessa mesma época portanto, partiu em romaria a Santa Maria do Meio, em Sertã; a seguir visitou Ourém e só depois se retirou para o Alentejo⁽¹³⁷⁾.

jul. 25

Chegada dos aliados ingleses à Corunha, sob o comando do Duque de Lencastre, pretendente à coroa de Castela⁽¹³⁸⁾.

out.

Nuno, chamado pelo Rei a fim de assistir ao encontro com o Duque, partiu do Alentejo e juntou-se ao Rei, que já estava em Ponte da Barca.

nov. 1

O Rei e o Condestável tiveram o seu primeiro encontro com o Duque, em Ponte do Muro, entre Melgaço e Monção⁽¹³⁹⁾.

(137) Crónica do Condestável, c. 56 (p. 143-146); Crónica de D. João I, P. II, c. 71-77 (II, p. 180-192). — Segundo o Livro 1 da Chancelaria de D. João I, o Rei estava em Cória nos dias 15 (f. 190r) e 23 de Junho (f. 184v); na ribeira de Trebelho, nos dias 27 e 29 de Junho (f. 190r); finalmente em Penamacor no dia 2 de Julho (f. 190r).

(138) Crónica de D. João I, P. II, c. 81 (p. 198).

(139) Crónica de D. João I, P. II, c. 91 (216-217); Crónica do Condestável, c. 57 (p. 147).

- 1386-1387**
 nov. 2 a 6 Conferências em Ponte do Muro. O Rei comprometeu-se a acompanhar o Duque de Lencastre numa expedição contra Castela, onde este esperava ser aclamado rei. Foi contratado também o casamento de D. João com D. Felipa de Lencastre, filha do Duque ⁽¹⁴⁰⁾.
- nov. 7 Banquete de confraternização luso-inglesa.
 nov. 8 Por ordem do Rei, Nuno voltou ao Alentejo, a fim de convocar toda a gente disponível da comarca, para a expedição.
- dez. 7 a 15 O Rei com o Condestável em Évora; depois ambos viajaram ao Porto, aonde havia chegado a Infanta D. Felipa de Lencastre ⁽¹⁴¹⁾.
- 1387 fev. 2 Casamento do Rei D. João I com D. Felipa de Lencastre, que só neste mesmo dia é comunicado aos fidalgos e aos concelhos do Reino, que são convidados para a festa oficial no próximo dia 14 ⁽¹⁴²⁾.
- fev. 5 Nun'Álvares recebe a doação dos padroados das igrejas dos seus territórios: «que elle aia os padroados e as apresentações de todallas igrejas que som nas suas terras» ⁽¹⁴³⁾.
- fev. 14 Festas oficiais do casamento do Rei, no Porto. Nuno foi o Mestre-sala ⁽¹⁴⁴⁾.
- fev. 20-març. 24 No primeiro dia da Quaresma, as tropas deixaram a cidade do Porto e dirigiram-se a Babe ⁽¹⁴⁵⁾.
- març. 25 O dia 25 de Março marcou o início da expedição. O Rei dispunha de um exército de 10.000 homens; o do Duque já contava pouco mais de 1.200, pois muitos tinham morrido. Como sempre, Nuno re-

(140) Crónica de D. João I, P. II, c. 92 (II, p. 217-219).

(141) Crónica de D. João I, P. II, c. 93 (II, p. 220-221); — Segundo os Livros da Chancelaria de D. João I, o Rei estava em Évora nos dias 7 (Livro 2, f. 33v); 8 (Livro 1, f. 180v) e 15 de Dezembro (Livro 1, f. 181r). No fim deste mês estava no Porto nos dias 28 e 30 (Livro 1, respectivamente ff.179r e 178v).

(142) Crónica de D. João I, P. II, c. 94 (II, p. 221-222).

(143) Chancelaria de D. João I, Livro 1, f. 176v.

(144) Crónica de D. João I, P. II, c. 95 (II, p. 223-224).

(145) Crónica de D. João I, P. II, c. 98 (II, p. 228). — Este caminho levou bastante tempo; conforme os Livros da Chancelaria de D. João I, o itinerário deve ter sido este: Porto, último acto registado em 20-2 (L. 2, f. 1r) — Mirandela, em 8-3 (L. 1, f. 199r) — Rebordãos, em 14-3 (L. 1, f. 199r) — Bragança, em 20 e 22-3 (L. 1, f. 199r-v) — Babe, em 24-3 (L. 1, f. 199v).

1387

servou-se o direito de comandar a vanguarda, embora o Rei tivesse pensado em confiá-la ao Duque. Atravessaram o rio de Maçãs, fronteira entre Portugal e Castela, e foram até Alcanizes.

març 30-31

Na véspera do Domingo de Ramos chegaram a Tabara e fizeram aqui a sua festa.

abr. 1 e 2

Marcha sobre Benavente, em ordem de batalha ⁽¹⁴⁶⁾.

abr. 3-10

Na vizinhança deste lugar ficaram uns oito dias, por causa da Semana Santa e da Páscoa. Nos dois dias de Páscoa, houve competições e jogos com os habitantes e soldados da vila, que terminaram numa briga, por os Castelhanos insultarem o Rei Dom João. Nos outros dias fizeram escaramuças e foragens nos arredores ⁽¹⁴⁷⁾.

abr. 11

«Passados já oito dias», foram a Matilha e no dia seguinte passaram a ribeira de Recovão, onde pou-saram, e no outro dia continuaram até Roalles. Cobraram este lugar e alguns dias depois foram a Valderas, que se lhes rendeu igualmente ⁽¹⁴⁸⁾.

abr. 12

abr. 13

abr. 14-maio 8

c. maio 9-12

Após duas semanas de permanência nesta vila, dirigiram-se a Vila Lobos, que ficou cercada durante três dias. No quarto dia, os da vila tentaram uma surtida; perderam, porém, tanta gente no assalto ao arraial, que se renderam.

Nesta paragem, o Condestável envolveu-se duas vezes em escaramuças. A primeira vez, para socorrer 17 portugueses que, durante mais de uma hora, aguentaram uma luta contra 400 lanças e muitos peões castelhanos. Estes, ao perceberem o socorro, retiraram apressadamente.

Da outra vez fora mandado em foragem a Fafilla. Na volta, andando ele na retaguarda, soldados franceses de Vilhalpando, ao serviço de Castela, roubaram-lhe a parte que ia mais avançada.

(146) Crónica de D. João I, P. II, c. 99 (II, p. 229-231).

(147) Crónica de D. João I, P. II, c. 100-103 (II, p. 231-235).

(148) Crónica de D. João I, P. II, c. 104-106 (II, p. 236-240); em Valderas estava, certamente, nos dias 1 e 8 de Maio, como consta da Chancelaria de D. João I, respectivamente Livro 2, f. 2v e Livro 1, f. 200v.

1387

Nuno atrás deles. O capitão da vila saiu-lhe ao encontro com 1.000 lanças. Como Nuno insistisse em avançar, achou mais prudente bater em retirada ⁽¹⁴⁹⁾.

A campanha não estava dando o resultado esperado pelo Duque de Lencastre: os lugares de Castela não se pronunciavam a favor dele e o seu Rei evitava sagazmente uma batalha; os próprios ingleses já não aguentavam o clima e desertavam. Fácilmente, Dom João I convenceu o Duque da inutilidade de continuar a expedição desta maneira. Resolveram voltar, mas por caminho diferente. Não queriam dar a impressão de desistirem da guerra.

c. maio 12-14

Foram a Villalpando, onde estiveram alguns dias, e finalmente vieram ao Douro, contra Santa Maria do Viso.

maio 15

No dia seguinte atravessaram o rio.

maio 16

No outro dia acamparam em Corrales.

maio 17

Um dia depois, ao atravessarem o Tormes, entre Salamanca e Ledesma, e a caminho de Ciudad Rodrigo, as tropas do Infante português, D. João, incomodavam a retaguarda dos Lusitanos, onde estava o Rei, que se queixou disso. Nuno completou primeiro a travessia da sua força toda, em seguida caiu de rijo sobre o Infante. Matou 15 dos soldados deste e prendeu 48.

Neste mesmo sítio armaram o seu arraial.

c. maio 18-28

Durante os dias que aqui passaram, os Ingleses organizaram vários jogos com os Franceses, que estavam por Castela; conheciam-nos pessoalmente de outras campanhas e estes traziam-lhe pão e vinho. Isto deve ter sido por ocasião da festa de Pentecostes. Há um despacho deste arraial, de Martilha, a par de Salamanca, do dia 26 de Maio, festa de Pentecostes ⁽¹⁵⁰⁾.

Entrementes, o Infante português reuniu vá-

(149) Crónica de D. João I, P. II, c. 107-108 (II, p. 240-245).

(150) Chancelaria de D. João I, Livro I, f. 200v.

1387

c. maio 28

rios capitães e formou uma tropa de 4.000 lanças. Quando os Portugueses levantaram o arraial e a sua vanguarda, já perto de Ciudad Rodrigo, ia atravessar o Agueda, os Castelhanos caíram-lhes em cima e tentaram isolar a retaguarda, não o conseguindo porém.

maio 29

Do acampamento, que fizeram aquém do rio, e do qual há um despacho do dia 29, em Aleoiel-las⁽¹⁵¹⁾, saiu mais um grupo de Ingleses que, com salvo-conduto de Castela, foi a Gasconha.

c. maio 31

c. jun. 1

Dali vieram ao Vale da Mula e no dia seguinte chegaram a Almeida. Estavam novamente em Portugal⁽¹⁵²⁾.

Dissolvido o exército, Nuno foi enviado ao Alentejo. O Duque dirigiu-se a Coimbra a fim de visitar a filha; estando em Trancoso, recebeu uma embaixada por parte do Rei de Castela e chegou a um acordo com ela.

O Rei foi em romaria a Guimarães, 30 léguas distante e que andou a pé, em cumprimento de uma promessa feita a Santa Maria de Oliveira antes de entrar em Castela.

jun.-fim

A seguir, visitou Porto e já estava em caminho para Coimbra, quando adoeceu gravemente em Curval, no fim do mês de Junho⁽¹⁵³⁾.

jul.-início

O Condestável e mais outros fidalgos foram chamados. O Rei fez o seu testamento e a consternação era geral. Então ia terminar assim toda essa campanha pela independência de Portugal? Mas o Rei salvou-se. Nuno deixou-o, quando já estava bom, e voltou para Évora, passando por Vila Nova de Ourém⁽¹⁵⁴⁾.

jul. a nov.

Depois do restabelecimento do Rei, a família real

(151) Chancelaria de D. João, Livro I, f. 200v.

(152) Crónica do Condestável, c. 57 (p. 147-149); Crónica de D. João I, P. II, c. 109-112 (II, p. 245-253).

(153) Crónica de D. João I, P. II, c. 113-115 (II, p. 253-256).

(154) Crónica do Condestável, c. 57 (p. 149); Crónica de D. João I, P. II, c. 115 (II, p. 256-257). — A crise desta doença deu-se, ao que parece, entre 11 de Junho (despacho do Porto, Chancelaria, Livro I, f. 180v) e 3 de Julho, quando se reiniciaram os despachos em Curval (Livro 2, ff. 1v, 3r-v).

1387

c. set. 25

passou uma temporada em Coimbra e, a seguir, no Porto, donde o Duque partiu no fim do mês de Setembro ⁽¹⁵⁵⁾.

A estar certa a ordem, seguida por Fernão Lopes, teremos para Outubro uma série de medidas que visavam a reorganização do país, e a convocação das Cortes de Braga, para o mês de Novembro ^(155-A).

nov.-dez.

Cortes em Braga, a que Nuno assistiu como Condestável do Reino e como procurador da Nobreza, por insistência dos fidalgos, que lhe pediram defendesse algumas pretensões junto ao Rei. Posto que a contragosto, Nuno desempenhou-se dessa tarefa, prestando-se a ser porta-voz dos cavaleiros, que todos estavam presentes. A causa patrocinada desagradou muito ao Rei, que lhe respondeu com pouco caso. Ora, nenhum dos fidalgos teve a nobreza de apoiar as razões do Condestável. Magoado, este observou: «Quem serve ao comum, não serve a nenhum», e propôs-se nunca mais aceitar tal encargo.

c. nov. 13?

Durante a celebração das Cortes, Nun'Álvares recebeu a notícia do falecimento de sua esposa, D. Leonor Alvim, que residia com a filha no Porto. O Condestável partiu imediatamente para lá, acompanhado de numerosos fidalgos. D. Leonor foi sepultada no mosteiro das Domínicas em Vila Nova de Gaia. Beatriz, a sua filha menor, foi confiada aos cuidados da avó, D. Iria Gonçalves de Carvalho, em Lisboa.

Nuno voltou a Braga e continuou a assistir às

(155) Crónica de D. João I, P. II, c. 116 (II, p. 257) e c. 118 (p. 262). — Os Livros da Chancelaria de D. João podem precisar um pouco mais as permanências nos respectivos lugares. Convém observar, que essas permanências não excluem «presenças passageiras» em outros lugares, nos mesmos períodos indicados.

O último despacho de Curval é de 18-7 (Livro 1, f. 178r);

Os de Coimbra vão de 3-8 a 4-9 (Livro 2, ff. 31r-v, 33r, Livro 1, f. 187v);

Os do Porto vão de 4-9 a 24-9 (Livro 2, ff. 3r, 31v, 32r, Livro 1, f. 180v).

A partir do dia 26 de Setembro, o Rei despachava em Braga (Livro 2, f. 32 v). O Duque de Lencastre, portanto, terá deixado Portugal, provavelmente, no dia 25 de Setembro.

(155-A) Crónica de D. João I, P. II, c. 126-130 (II, p. 282-287).

1387

Cortes. Os amigos começaram logo a planejar um novo casamento para ele. Até o Rei e a Rainha estimularam esses projectos. Nuno tinha apenas 27 anos, era riquíssimo, a figura mais importante do Reino e, por isso mesmo, um partido sumamente desejável. A pessoa preferida era D. Beatriz de Castro, filha do Conde D. Álvaro Pires de Castro, sobrinha de D. Inês de Castro e viúva, embora donzela, de Afonso Henriques, primo do Rei de Castela. No intuito de fugir a todas essas instâncias inoportunas, Nuno solicitou e obteve licença de deixar Braga e as Cortes ⁽¹⁵⁶⁾.

dez.

Estando o Condestável sossegadamente em Évora, em Dezembro, como insinua a ordem observada por Fernão Lopes na sua Crónica de Dom João I, veio-lhe a notícia de que o Mestre de Santiago, o de Castela, reunia uma tropa para assaltar a região de Estremoz e Vimieiro. Prontamente foi a Estremoz e convocou os seus soldados, a fim de ir ao encontro do Mestre e cortar-lhe o caminho. Quando o Mestre percebeu esse movimento, dissolveu a sua tropa. Contrariado e decepcionado, Nuno fez o mesmo e já se dispunha a voltar para Évora. Neste momento chegou uma chamada urgente de Beja e Serpa: viesse sem demora, pois o Conde de Niebla tencionava atacar Campo de Ourique, com 700 lanças e grande número de besteiros e peões!

O Condestável estava praticamente sem soldados, mas, com os poucos que lhe restaram, largou para lá, sem perda de tempo; poderia chamar outros mais nas frontarias, se necessário fosse. Atravessou a serra de Ossa, passou por Redondo e encontrava-se em Monsaraz, quando foi informado de que, nessa mesma manhã, o Conde de Niebla

(156) Crónica do Condestável, c. 58 (p. 149-150); Crónica de D. João I, P. II, c. 130 (II, p. 287-288). — Quanto ao enterro de D. Leonor: Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 292. — No Livro 1 da Chancelaria de D. João I, f. 180v, encontramos um despacho do Rei no Porto, do dia 13 de novembro — terá ele assistido ao enterro?

1387-1388

saqueara Vidigueira e Vila de Frades, e levava presos os seus habitantes a Vila de Fresno, além da fronteira.

Com a sua tropa e mais alguns, que conseguiu reunir em Monsaraz, Nuno correu a noite toda e, de madrugada, lançou-se sobre a vila desprevenida. Após uma luta violenta, em que Nuno ficou ferido numa coxa, conseguiu livrar todos os prisioneiros. Numerosos Castelhanos e Gascões foram mortos e enorme quantidade de armas e cavalos, ouro, prata e azêmolas caiu nas mãos dos Portugueses.

dez.

A esta altura, o Rei estava em Lisboa e alegrou-se muito com as novas recebidas ⁽¹⁵⁷⁾.

1388

jan. 31-març. 25

No dia 31 de Janeiro, o Rei chegou sobre Melgaço, cuja capitulação se deu depois de 53 dias de luta renhida, e no dia 25 de Março o Rei entrou na cidade.

maio 20-jun. 23

«Partio el-Rei de Monçom e veio-se a Lisboa e leixou hi a Rainha, por hir cerquar Campo Maior...», continua Fernão Lopes, após ter historiado a tomada de Melgaço.

De facto, veio a Lisboa, mas só na segunda quinzena de Maio, e demorou-se aqui pouco mais de um mês, como mostram os Livros da Chancelaria de Dom João I: a data inicial dos despachos é 20 de Maio, a data final é 23 de Junho ⁽¹⁵⁸⁾.

jun. 26-set. 15

A partir do dia 26 de Junho, o Rei encontrava-se em Évora, onde passou os meses de Julho e Agosto, e parte de Setembro ⁽¹⁵⁹⁾.

set. 15

No dia 15 de Setembro iniciou-se o cerco de Campo Maior.

(157) Crónica do Condestável, c. 59 (p. 151-154); Crónica de D. João I, P. II, c. 131-132 (II, p. 288-292). — Fernão Lopes não fala da presença do Rei em Lisboa, que tão pouco é registada nos Livros da sua Chancelaria. A sua presença é possível no fim de dezembro, ou no início de Janeiro (27-12 a 4-1), período sem despachos em Braga, onde estava. A Crónica do Condestável afirma essa presença, ao dizer que o Rei recebeu as notícias em Lisboa (p. 153).

(158) Respectivamente: Livro 1, f. 193r e Livro 2, f. 43r.

(159) Livro 2, ff. 36r, 37r, 43r, Livro 1, f. 192r.

- 1388-1389**
- out. 13 O cerco levou quase um mês, até 13 de Outubro, quando o lugar foi tomado à força.
- nov. 1 O castelo, porém, continuou a luta até o dia 1 de Novembro, quando o seu alcaide entabulou negociações com o Condestável: entregaria o castelo dentro de 30 dias, se o Rei de Castela não enviasse socorro.
- nov. 15 Durante este tempo de espera, o Rei fez doação da vila de Chaves a Dom Nuno Álvares Pereira, Condestabre: «toda nossa jurdiçam e mero e misto imperio ... em esta vila e termo, em escambo por outras jurdições, que elle nos leixou d'outras villas, de que lhe nos fizemos mercee, segundo todo mais compridamente hé contheudo no priuillégio de escambo, que lhe sobr' ello demos...» ⁽¹⁶⁰⁾.
- dez. 1 Rendição do castelo de Campo Maior. E «deu el-Rei o castelo a Martim Afonso e partiu dali e veio-se a Lisboa para fazer Cortes», escreve Fernão Lopes.
- Os Livros da Chancelaria mostram um itinerário algo diferente:
- dez. 2 Presença do Rei em Elvas ⁽¹⁶¹⁾.
- dez. 6 Fez um despacho em Braga ⁽¹⁶²⁾.
- 1388-1389 Depois foi a Évora, onde continuou até princípios do mês de Fevereiro ⁽¹⁶³⁾.
- dez. 7-fev. 2 Quanto ao Condestável, este foi visitar Ourém, Porto de Mós e Aljubarrota. Provavelmente, terá viajado em companhia do Rei, até estes lugares, portanto na primeira semana de Dezembro.
- dez. Em Aljubarrota deu início à construção da Capela de Santa Maria e São Jorge, no local em que se feriu a batalha real em redor da sua bandeira.
- fev.-març. Depois mandou fazer o mosteiro e a igreja de Santa Maria em Lisboa, dizem as duas Crónicas.

(160) Chancelaria de D. João I, Livro 1, f. 194v.

(161) Livro 2, f. 112r.

(162) Livro 1, f. 200r.

(163) Livro 1, f. 195v; Livro 2, ff. 6r, 11v, 34r, 36r, 41v (dezembro); Livro 2, ff. 6r e 10v (Janeiro); Livro 2, f. 11r (2 de Fevereiro).

1389

Por Pereira de Sant'Ana sabemos que esta obra se começou logo a seguir, preparada, sem dúvida, quando Nuno estava em Lisboa para as Cortes. Pois a primeira pedra foi lançada em julho de 1389⁽¹⁶⁴⁾.

ENTRE GUERRA E PAZ

fev.-març.

Cortes em Lisboa.

Neste mesmo tempo, Castela iniciou negociações com Portugal, que tiveram por resultado tréguas por seis meses.

març. 30

Confirmação das doações a Nun'Álvares Pereira, feitas por D. João, quando era Regedor e Defensor do Reino, assim de vilas, castelos, reguengos, terras, julgados, quintas, casais, herdades, como de outros quaisquer bens, rendas e direitos⁽¹⁶⁵⁾.

jul. 2

Confirmação das doações feitas pelo Rei D. Fernando a Nun'Álvares Pereira, de Alter do Chão e seu termo, Vila Formosa e Chancelaria, Assumar e seus termos, e das jurisdições dos ditos lugares e das rendas e direitos deles⁽¹⁶⁶⁾.

ago. 23

Findo o tempo das tréguas, sem outro resultado mais, o Rei lançou-se sobre Tui, na esperança de obtê-la por traição, por parte de alguns que lha ofereceram. Nisto, ele mesmo foi traído, e por isso começou então a pôr cerco à cidade. Assim Fernão Lopes. Não é a verdade toda; a realidade parece ser um pouco diferente.

A política do Rei, neste período e nos anos seguintes, era obrigar os Castelhanos a aceitarem tréguas ou paz com Portugal. Toda a vez que estes se recusassem a aceitar tréguas, ou a lhes observar as condições, o Rei lançava-se sobre alguma cidade vizinha da fronteira. Assim foi cercar Tui, a fim de impôr a continuação das tréguas.

(164) Crónica do Condestável, c. 60 (p. 154-155); Crónica de D. João I, P. II, c. 136-137 (II, p. 297-300); Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 345.

(165) Chancelaria de D. João I, Livro 2, f. 15r.

(166) Chancelaria de D. João I, Livro 2, f. 49v.

1389

Enquanto jazia no cerco desta cidade, corriam boatos sobre movimentos das forças castelhanas, para descercarem Tui. Preocupado, o Rei chamou o seu Condestável, alguns fidalgos da Estremadura e o concelho de Lisboa. Felizmente, «nom era asy», observa o Cronista.

Um reflexo disto, talvez, é o que narra a Crónica do Condestável: Enquanto o Rei jazia sobre Tui, o Mestre de Alcântara invadiu a Beira, por Castelo Branco, com 300 lanças e numerosos besteiros.

Nuno estava em Évora e convocou, sem demora, o seu Conselho e ordenou barrar-lhe o caminho. Os capitães não mostraram boa vontade, pois Nuno estava sem dinheiro para pagar-lhes o soldo. Com pouca gente, embora, partiu logo de Évora ao Crato, onde esperou os descontentes, que se atrasaram. Dali foi a Nisa e Barca de Ródão, onde atravessou o Tejo, fazendo além o seu acampamento.

A altas horas da noite recebeu informações sobre o Mestre, que já se tornara a Alcântara, ao saber que o Condestável vinha ao encontro dele. Decepcionados, Nuno e os seus tiveram que voltar ⁽¹⁶⁷⁾.

nov.

O cerco deve ter continuado até o dia 18 de Outubro, certamente, data do último despacho do Rei, feito no «arreal de sobre Tui» ⁽¹⁶⁸⁾. «Estando em Bragua», o Rei recebeu novamente os embaixadores de Castela, que lhe vieram falar em tréguas. Após as necessárias discussões com os embaixadores portugueses, chegaram a um bom resultado: tréguas de seis anos, concluídas no dia 29 de Novembro.

nov. 29

Os seis anos deveriam ser contados a partir do tratado de tréguas entre a Inglaterra e França

(167) Crónica do Condestável, c. 62 (p. 157).

(168) Crónica do Condestável, c. 62 (p. 157); Crónica de D. João I, P. II, c. 139 (II, p. 303-305); Chancelaria de D. João I, Livro 2, ff. 38r-40r).

1389-1391

e os respectivos aliados, por um prazo de três anos. Por isso Fernão Lopes acrescenta: «compridos os tres que amte desto el-Rey d'Imgraterra e el-Rey de Framça, por sy e por seus aliados aviam concordado, em que emtrava el-Rei de Castella e el-Rei de Purtugual, se em ella quisesse ser, e por outros tres alem destes». Este tratado fora concluído em 18 de Junho deste mesmo ano ⁽¹⁶⁹⁾.

1390-jul. 30

Nascimento do primogénito e herdeiro D. Afonso, em Santarém.

out. 3

Baptismo do Infante. — Dom Nuno e o Mestre da Ordem de Cristo são os procuradores da homenagem prestada a D. Afonso, em Santa Maria de Alcobaça ⁽¹⁷⁰⁾.

out. 9

Morte do Rei de Castela, D. João I.

1391 jan. 26

Confirmada uma doação feita pelo Condestável a João Gonçalves, do foro de Arco de Baúlhe, com todas as suas rendas e pertenças e portagens, que com ele andam, que é no julgado de Cabeceiras de Basto ⁽¹⁷¹⁾.

out. 30

Escambos feitos por Nun'Álvares Pereira e confirmados pelo Rei: Nuno deu a João Rodrigues Pereira a terra de Basto com a sua jurisdição, rendas e direitos; recebeu deste a terra de Baltar, igualmente com a sua jurisdição, rendas e direitos. Outrossim deu a Lopo Dias de Azevedo a terra de Pena, com sua jurisdição, rendas e direitos, mais a terra de Bouças; recebeu dele Vila Nova de Anços, Pereira, as Nouras e o reguengo de Alviela, no termo de Santarém, com todas as suas rendas e direitos ⁽¹⁷²⁾.

A confirmação do Rei é de 1392, maio 11. O próprio contrato foi celebrado nos Paços de Barcelos, em 1391 outubro 30 ⁽¹⁷³⁾.

(169) Visconde de Santarém, Quadro elementar das relações políticas e económicas de Portugal..., t. 14. Paris 1853; p. 110 e 113; Crónica de D. João I, P. II, c. 140 (II, p. 305-306).

(170) Crónica de D. João I, P. II, c. 140 (II, p. 306), c. 147 (p. 320).

(171) Chancelaria de D. João I, Livro 2, f. 52v.

(172) Chancelaria de D. João I, Livro 4, f. 88v. (contrato).

(173) Chancelaria de D. João I, Livro 2, f. 67v (contrato e confirmação do Rei).

1392-1394

1392 maio 6

Contrato entre o Rei e o Condestável sobre troca da jurisdição de Baltar pela de Vila Nova de Anços ⁽¹⁷⁴⁾.

1393 maio 15

Na festa da Ascensão, por iniciativa de Castela, foram renovadas as tréguas, por mais quinze anos, a serem contados deste dia ⁽¹⁷⁵⁾.

nov. 10

Elevação do Bispado de Lisboa à dignidade de Metrópole ⁽¹⁷⁶⁾.

nov.

A renovação das tréguas e a elevação de Lisboa a Metrópole levaram Nun'Álvares a considerar a guerra praticamente terminada: «não lhe pareceu isto trégua... mas gracioso começo de paz».

Resolveu galardoar os seus fiéis e dedicados capitães e repartiu entre eles grande parte das suas terras e rendas. Cada um deles devia fornecer-lhe um certo número de escudeiros, sempre que fosse necessário para o serviço do Rei ou dele.

Foi um gesto da mais pura tradição medieval, mas ia contra os interesses do próprio Rei e a nova orientação do país, elaborada pelo Doutor João das Regras. Este e outros, sempre invejosos do Condestável, chamaram a atenção do Rei para este facto.

O Rei tinha três filhos, a Rainha estava esperando o quarto. Devia pensar no futuro deles. Dom João respondeu que já estava a considerar a possibilidade de comprar aos fidalgos todas as terras dadas em préstamo. E assim resolveu; convocou os fidalgos ao seu Paço da Serra, onde lhes comunicou as medidas tomadas para a execução deste projecto.

1394 jan.

Nuno foi e hospedou-se em Atouguia. Todos protestaram contra essa inovação; muitos abandonaram o seu serviço; alguns bandearam para Castela.

(174) Cancelaria de D. João I, Livro 2, f. 67r.

(175) Crónica de D. João I, P. II, c. 149 (II, p. 324-325).

(176) Arquivo Secreto do Vaticano, Regesta Lateranensia, vol. 29, f. 188r-v — ver A. Brásio, C. S. Sp., Ereccção da Metrópole Lisbonense: Lusitania Sacra, 2 (Lisboa 1957) p. 51-56.

1394

Também Nuno protestou; também ele pensava em abandonar Portugal. Mas aderir à causa de Castela? isso nunca! Continuaria fiel ao Rei, apenas procuraria, com os seus, um sustento digno no serviço militar alhures.

De Atouguia voltou, por Porto de Mós, a Estremoz. Convocados e cientes da nova situação, todos os capitães aprovaram a ideia do Condestável e começaram a preparar a sua ida para fora do país. Nuno dirigiu-se a Portel, a fim de ultimar os preparativos.

março

Do Porto, o Rei observava tudo, com preocupação. Enviou um emissário, o Deão de Coimbra, que tentasse demover Nun'Álvares do propósito de sair de Portugal. Nem este, nem o Mestre de Avis, mandado a seguir, o conseguiram. Nuno respondia com humildade a todos os argumentos por eles usados; entendia, porém, que o Rei já não precisava dele, pois estava de acordo com Castela.

O Bispo de Évora teve melhor êxito: Nuno prometeu-lhe reconsiderar as circunstâncias e comunicar o seu ponto de vista.

Após largas discussões, o Rei concordou com o que lhe propuseram os dois intermediários do Condestável. A seguir, foi este pessoalmente ao Porto concluir as suas negociações.

Manteve-se o princípio de vassalagem exclusiva do Rei. As terras deviam ser devolvidas ao Condestável, mas os beneficiados deste seriam agora vassallos do Rei e receberiam quotas, de acordo com o número de soldados que haviam de fornecer. O Condestável devia entregar ao Rei as terras, que lhe foram dadas em préstamo, podendo ficar com as outras⁽¹⁷⁷⁾.

Quando se discutiu essa questão, tão dolorosa para Nun'Álvares Pereira?

Oliveira Martins afirma que isto aconteceu

(177) Crónica do Condestável, c. 61 e 63 (p. 155-160); Crónica de D. João I, P. II, c. 151-153 (II, p. 331-336).

1394

em 1395. A sua argumentação baseia-se na gravidez da Rainha: «Esta referência — diz — permite datar o conflito que é, portanto, de 1395, quando a Rainha andava grávida da Infanta D. Branca /!/. Os três filhos são: D. Duarte (1391), D. Pedro (1392), D. Henrique (1394). O primogénito, D. Afonso (1391) morrera já em 1392». ⁽¹⁷⁸⁾.

Não podemos concordar com o ilustre escritor, pois a sua argumentação peca pela base: Dom Afonso não morreu em 1392...

Fernão Lopes afirma que o Infante morreu aos doze anos, pouco mais ou menos, e o mesmo parece insinuar a Crónica do Condestável, pela ordem seguida na narração. Isto devia ter inspirado uma certa cautela. Há mais, porém!

O Infante Dom Afonso é mencionado regularmente no Livro 2 da Chancelaria de Dom João I, como filho primogénito e herdeiro; por exemplo, mencionando apenas os últimos anos: em 2 de Maio de 1398 (f. 144r-v); em 29 de Maio de 1398 (f. 145r); em 11 de Junho de 1399 (f. 156r); em 13 de Junho de 1399 (f. 160v). Pela última vez é mencionado em 9 de Junho de 1400, numa doação feita a Gonçalo Vasques de Melo, dos bens que foram de Álvaro Coitado: «em sembra com a Rainha Dona Filipa, mjnha molher, e com o Iffante Dom Afonso primo /!/ herdeiro... no areal de par de Pias, ix de junho, el Rey o mandou, era de mil iiiij^o xxxbiiij annos» (f. 168r).

A primeira menção do Infante D. Duarte, como filho primogénito e herdeiro, é feita em 12 de Abril de 1401 (f. 135r-v).

Daí, podemos concluir: D. Afonso morreu depois de 9 de Junho de 1400 e antes de 12 de Abril de 1401.

E ainda: a própria referência à gravidez da Rainha, que esperava o quarto filho, portanto o Infante D. Henrique, que nasceu em 4 de Março

(178) A vida de Nun'Álvares, p. 368, nota 3.

- 1395-1397 de 1394, obriga-nos a situar toda a questão nos meses, que precederam este nascimento.
- 1395 Indignado com a não observância, por parte dos Castelhanos, dos artigos concordados nas tréguas, D. João resolveu ocupar uma cidade em Castela, até que os Castelhanos se resolvessem a respeitar o acordo — medida aliás prevista no próprio tratado. Após nove meses de preparações secretas, Martim Afonso de Melo conseguiu tomar a cidade de Badajoz, por surpresa, na festa da Ascensão do ano de 1396.
- desde out. Por ordem do Rei, Nuno dirigiu-se a Elvas, a fim de combinar com Martim Afonso a guarda da cidade e dar-lhe toda a gente que fosse necessária ⁽¹⁷⁹⁾.
- 1396 maio 11 Chegada dos Carmelitas de Moura ao mosteiro de Santa Maria, em Lisboa, construído pelo Santo Condestável ⁽¹⁸⁰⁾.
- Após a tomada de Badajoz, iniciaram-se novas negociações, laboriosas e infinitamente repetidas, sobre as cláusulas do tratado. Chegaram, finalmente, a uma nova convenção, que o Rei de Castela jurou aos Santos Evangelhos.
- 1397 ago. 15^o Não obstante tudo isso, a réplica de Castela foi traiçoeira. Secretamente concentrou as suas forças para uma nova invasão em Portugal. Além disso, a sua frota capturou duas naus portuguesas, que vinham de Génova, carregadas de armas e outras coisas encomendadas.
- set. O Condestável avisou o Rei, que estivesse de prontidão.
- Os Castelhanos invadiram a Beira, incendiaram Viseu e saquearam toda a comarca. Dom João convocou a sua gente. Muitos fidalgos, porém, recusaram os seus serviços, em represália, pois con-

(179) Crónica do Condestável, c. 64 (p. 160-161); Crónica de D. João I, P. II, c. 157 (II, p. 342-345).

(180) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 191, onde ele cita uma Memória de Fr. Diogo Gil, segundo Prior de Lisboa (1423-1428), Definidor da Província (1423) e o seu segundo Provincial (1431-1438).

1397

tinuavam fortemente descontentes em consequência das decisões que o Rei tomara sobre a devolução obrigatória das terras de préstamo ⁽¹⁸¹⁾.

O próprio Nun'Álvares, ao receber a convocação, mandou responder, por duas vezes, que o Rei se não apoquentasse com essa invasão, pois já havia na terra vassallos a quem encomendar podia, se fossem contra ela, posto que ele — Condestável — não tomasse parte.

Não obstante esta resposta contundente, reveladora da amargura que lhe ia na alma, esforçou-se por reunir uma boa tropa, de 1.200 lanças, que deixou em Évora, quando foi a Santarém, a fim de se encontrar com o Rei.

Este estava profundamente anojado das recusas recebidas. Mas quando ouviu que Nun'Álvares se aproximava, foi ao encontro e deparou com ele entre Santa Maria de Palhães e Santa Iria. Ao vê-lo de cota e braçais, compreendeu que vinha para a luta. Comovido abraçou-o e exclamou: ora posso dizer que este é o primeiro homem de armas que nesta terra vil Inteiramente reconciliados, ambos foram ao paço, traçar as linhas gerais da campanha contra os invasores.

Nisto foi-lhes dada uma informação inesperada: o inimigo retirara com todo o saque. Resolveram, então, fazer uma invasão em Castela. Encontrar-se-iam novamente em Coimbra, para onde o Rei partiu imediatamente; Nuno voltou a Évora, onde havia deixado a sua tropa, e com ela seguiu igualmente para Coimbra.

out.

Ao estarem assim ocupados na preparação da projectada expedição, receberam a notícia de uma nova invasão castelhana, desta vez no Alentejo: haviam assaltado e saqueado Beja, Moura, Serpa, Campo de Ourique, e avançavam até perto de Alcácer.

(181) Crónica do Condestável, c. 64 (p. 162); Crónica de D. João I, P. II, c. 158 (II, p. 345-347), ver também c. 176 (p. 389-390).

1397

out.-nov.

Abandonando os seus projectos, Dom João e Nun'Álvares deixaram Coimbra, passaram o Tejo perto de Punhete, mas antes que chegassem a Montargil foram informados da retirada dos Castelhanos.

Decepcionados o Rei e o Condestável dirigiram-se, no dia seguinte, a Arraiolos e depois a Évora. Fariam agora a sua invasão em Castela? O Conselho não estava a favor, porque já era o tempo de inverno ⁽¹⁸²⁾.

Nuno estava furioso e revoltado com o Mestre de Santiago, de Castela, que assim lhe invadira a comarca, pois pouco tempo antes os dois concordaram em não invadirem o território um do outro, sem aviso prévio. E logo a seguir, o Mestre, aproveitando a ausência de Nuno, violara o acordo!

dez.

Sem atender às condições desfavoráveis da época — era Dezembro — convocou a sua gente, convidou o Mestre de Avis a acompanhá-lo na correria que tencionava fazer: que viesse também com a sua tropa. Este aceitou e chegou a Vila Viçosa, onde o Condestável já se encontrava. Após os treinos da tropa, partiram para Elvas, passaram por Ouguela e Alboter e pernoitaram junto à vila de Cáceres. «Era o mes de Dezembro» e sofreram muito por causa do frio, observa o cronista. A vila foi tomada no dia seguinte. Com muitos prisioneiros e grande quantidade de gado continuaram até Arroio del Puerco. Toda a circunvizinhança dos dois lugares sofreu importantes saques e roubos. Dos prisioneiros, porém, Nuno mandava soltar as mulheres.

Dali voltou para Portugal, passando por Va-

(182) Crónica do Condestável, c. 65 (p. 162-164); Crónica de D. João I, P. II, c. 159 (II, p. 347-349). — A cronologia pode ser precisada, de alguma maneira, um pouco mais, com os dados do Livro 2 da Chancelaria de D. João I: O Rei estava em Santarém desde Junho; o último despacho feito aqui foi em 1 de Setembro (f. 155v). No fim de Setembro, no dia 29, já estava em Coimbra (f. 165v) e ainda em 8 de Outubro (f. 164v). A seguir faltam os despachos até ao dia 25 de Dezembro, quando estava outra vez em Coimbra (f. 164v).

1397-1398

lência de Alcântara, sem encontrar quem lhe estorvasse o caminho. Em Aramenha, termo de Marvão, cada um recebeu a sua parte do espólio da expedição, e todos voltaram para as suas casas.

1398

Nuno deteve-se por algum tempo em Portalegre e depois em Vila Viçosa, onde o esperavam a sua mãe e a filha ⁽¹⁸³⁾.

fev.-maio

Pouco tempo teve para coordenar as fronteiras da comarca. Uma doença séria atacou-o e perturbou-lhe gravemente, não apenas o ritmo da vida, senão ainda todo o modo de ser. Dores lancinantes — febre — profunda melancolia — trituvavam-lhe corpo e alma. Esgotamento e cólica hepática, seria a diagnose moderna ⁽¹⁸⁴⁾

Avisou o Rei da impossibilidade, em que se encontrava, de guardar devidamente o Alentejo. Este respondeu que se não preocupasse com isso, tratasse antes de recuperar a saúde.

Os médicos de Évora mandaram-no para Lisboa. Piorou: a comida provocava náuseas — as visitas punham-no fora de si, deixavam-no completamente descontrolado. Carregado numa liteira saiu de Lisboa. Mãe e filha acompanhavam-no desoladas. Em Palmela, o seu desfalecimento era tal, que o levaram a uma quinta em Alfarrara, lugar saudável e sossegado.

Finalmente, um dos médicos enviados pelo Rei descobriu a natureza do mal e o doente começou a melhorar. Ao sentir-se mais disposto, Nuno já não aguentou a vida do campo, precisava voltar para Évora. Foi a Setúbal e tomou uma barca, para ir a Alcácer. Uma tempestade obrigou-o a in-

183) Crónica do Condestável, c. 66 (p. 164-168); Crónica de D. João I, P. II, c. 160-161 (II, p. 349-353).

(184) «E aquel Santo Condestabre — escreve o Rei D. Duarte, que foi o Infante preferido por Nuno — per semelhante ouue aqueste sentimento [humor menencorico], por sobejamente se dar aos cuidados e desembargos, em tanto, que por semelhante se querer forçar, pera ouujr alguma pessoa d'estado, lhe uijnha tal gastamento, que el confessou, que ja por ello estiura em ponto decayr em terra. E huun e o outro [isto é: Dom Nuno e o Rei, que tivera semelhante doença], nom se partindo de sua maneira uirtuosa de uijuer, receberom boa saude». Leal Conselheiro... Lisboa 1843; c. 20 (p. 65).

1398

terromper a viagem. Aproveitou o tempo de espera a experimentar a sua força. Era fraco ainda, receava não ter força suficiente para uma expedição contra Castela. Puxou do cutelo e pôs-se a cortar mato... Ainda era válido... a Castela pois! E contente e animado foi a Alcácer e dali a Évora ⁽¹⁸⁵⁾.

Em Évora desenvolveu logo uma grande actividade epistolar, convidando o Mestre de Santiago de Portugal, o Tenente do Crato e o Almirante a tomarem parte numa entrada em Castela, e convocando todos os capitães do Alentejo, do Algarve e da Estremadura.

maio 17

Ao ter informações sobre as grandes forças concentradas pelo Mestre de Santiago de Castela — 2.000 lanças, 800 ginetes e numerosos besteiros e peões —, escreveu-lhe uma carta, comunicando cavalheirescamente a sua próxima chegada; teria ido antes, se não tivesse sido impedido por sua doença ⁽¹⁸⁶⁾.

Preocupado, o Mestre começou a recrutar ainda mais soldados, pela Andaluzia toda.

A tropa do Condestável contava 1.800 lanças, 200 ginetes, 300 besteiros de cavalo, além dos peões e outros besteiros, que seriam 5.000. Ao todo, quase 7.500 homens, que enfrentariam uns 15.000 Castelhanos.

(185) Crónica do Condestável, c. 67 (p. 168-174).

(186) Crónica do Condestável, c. 68 (p. 174); Crónica de D. João I, P. II, c. 162 (II, p. 354). — A carta é subscrita: «Évora, dez e sete de Junho». Esta data dificilmente se explica. As circunstâncias da narração da doença de Nuno e da sua actual invasão em Castela, logicamente indicam o ano de 1398.

Ora, neste ano, as festas da SS.^{ma} Trindade e do Corpo de Deus, que ele festejou em Castela durante esta expedição, foram celebradas respectivamente nos dias 2 e 6 de Junho. Supomos, por isso, que a carta deva ter a data de 17 de Maio, e não de 17 de Junho, como tem.

Outra hipótese, menos provável, senão impossível, seria a antecipação, para os anos de 1396 e 1397, dos últimos acontecimentos: a invasão anterior em Castela, para o inverno de 1396; a doença de Nuno e a actual expedição para a primeira metade de 1397.

Nesse ano de 1397, as duas festas comemoraram-se nos dias 17 e 21 de Junho. Desta forma, a carta poderia ser do dia 17 de Junho, mas já seria escrita, não em Évora, mas em Vila Alva. Importaria, portanto, também uma mudança. Além disso, a narração dos acontecimentos posteriores sofreria violência. E ainda: há o acordo de

1398

O Condestável deixou Estremoz, onde fizeram a concentração dos convocados, e partiu rumo a Castela, até perto de Badajoz, onde pôs o seu arraial na margem do Guadiana.

maio 30

Alardo das tropas e manobras.

maio 31

Véspera da SS.^{ma} Trindade. A tropa avançou sob o calor tremendo da época. Encontraram muito povo, mas nenhum soldado.

jun. 1

Como os Castelhanos tivessem queimado os mantimentos, Nuno mandou uma patrulha correr a terra, em busca de gado e trigo. A patrulha chegou ao castelo de Vila Alva, onde o Mestre havia passado a noite — já não estava. Foi à Fonte do Mestre — mas o arraial do Mestre já fora levantado e posto junto ao castelo da Feira, bem na serra. Com muito gado uniu-se novamente à tropa, que tinha chegado a Vila Alva. Apenas a ala direita vira alguns ginetes do Mestre. Ao assentarem, porém, o arraial, eles apareceram e houve, então, a primeira escaramuça⁽¹⁸⁷⁾.

Nesta tarde foi entregue uma mensagem do Mestre para o Condestável: estava em Feira e provocava-o para uma batalha. Nuno mandou responder, que com prazer aceitava a batalha. Sugeriu que fosse na próxima segunda feira, no vale de Almeda. O escudeiro, encarregado desta res-

não invadir sem aviso prévio, O Mestre não o observou numa invasão anterior, mas isto não significa inobservância também por parte de Nuno.

A dificuldade mais grave contra esta segunda hipótese vem do Livro 2 da Chancelaria de D. João I. Pois, em 1396, o Rei estava em Lisboa todo o tempo de Junho até Dezembro (ver, por exemplo, ff. 122v-129v e 136v), o que exclue todo o episódio do encontro com o Condestável em Santarém, onde o Rei andava preocupado, e da preparação de uma expedição em Coimbra, contra Castela.

Eis, porque esta hipótese não é admissível. Já vimos, como tudo isto se enquadra perfeitamente no itinerário de 1396.

Assim ficamos com a primeira hipótese, que implica apenas a mudança da data da carta, de Junho para Maio, sem outras violências quaisquer. Um possível «erro de copista» explica-se sem dificuldade: toda a invasão decorreu no mês de Junho, daí a distração em copiar a data, em vez de Maio escreveu-se Junho.

Oliveira Martins, *A Vida de Nun'Álvares*, p. 382, nota 3, e p. 469, dá igualmente o ano de 1398, aceita, porém, como certa a data de 17 de Junho, sem reparar na contradição entre ela e a das referidas festas.

(187) Crónica do Condestável, c. 68 (p. 174-177); Crónica de D. João I P. II, c. 162 (II, p. 353-356).

1398

posta de Nuno, entregou, em particular, mais outra mensagem ao Mestre de Santiago, em que este era repreendido pela quebra da palavra dada, de não invadir o Alentejo sem aviso prévio. Chorando, o Mestre explicou a sua tragédia: fora obrigado a isso pelo Rei e o Mestre de Alcântara, sob pena de perder o mestrado.

jun. 2

De volta com o recado do Mestre, já noite, o escudeiro encontrou Nuno a rezar o Ofício⁽¹⁸⁸⁾. Festa da SS.^{ma} Trindade: «O Conde, meu Senhor, não tem em costume andar caminho ao Domingo, muito mais pouco pelejar», explicara o escudeiro aos Castelhanos, quando fora propôr que a batalha fosse na segunda feira.

jun. 3

Segunda feira. Bem cedo, «ouvidas as Missas», Nun'Álvares dirigiu as suas tropas ao vale de Almeida e alinhou-as para a batalha. Esperou, em vão, o dia todo pelos Castelhanos e pernoitou no próprio vale.

jun. 4

Terça feira. Acercou-se mais do castelo de Feira, onde alinhou novamente as suas forças para uma possível batalha. Ninguém apareceu...

Ao ver tanto medo, Nuno foi até ao pé do monte, pedindo que viessem até ele para a batalha concordada. Ele não podia ir lá acima, por não haver lugar apropriado para uma peleja. O Mestre mandou pedir que Nuno se fosse embora, por amor de Deus, pois já estavam bastante envergonhados. Em compensação trataria de arranjar uma boa trégua para Portugal.

Voltar atrás?! Nuno resolveu ir adiante, já que o castelo em si era impugnável. Foi até Zafra, onde encontrou bastante mantimento e bons vinhos, que até causaram alguma desordem no arraial⁽¹⁸⁹⁾.

(188) Crónica do Condestável, c. 68 (p. 177-178); Crónica de D. João I, P. II, c. 163-165 (II, p. 356-361).

(189) Crónica do Condestável, c. 68 (p. 178-180); Crónica de D. João I, P. II, c. 165-166 (II, p. 361-364).

- 1398
jun. 5 Quarta feira. Enquanto Nuno seguia com a sua tropa a Burquillos, mandou um contingente de 600 lanças em foragem pelos arredores. Em Burquillos já estavam alguns milhares da gente do Mestre. Junto à vila armou o seu arraial, e ninguém o veio molestar.
- jun. 6 Festa do Corpo de Deus. Como se não estivesse em campanha militar, rodeado de inimigos, e em terra alheia, o Santo Condestável comemorou este dia com uma grandiosa procissão eucarística pelo arraial, «em bom sossego e ordenado regimento, como se fosse em uma cidade...».
- Estupefactos primeiro, anojados a seguir, os Castelhanos observavam esse espectáculo inédito. Viam nisso um desprezo para Castela, uma desonra!
- Pouco depois chegou a tropa que fora em foragem. Vinha de Salvaterra, com prisioneiros e grande quantidade de gado e outros animais. Os de Burquilha animaram-se a tirarem uma desforra. Saíram da vila e atacaram a tropa. Nuno saiu com os seus do arraial e tiveram uma grande e prolongada peleja.
- jun. 7 No dia seguinte, Nuno foi novamente ao encontro do Mestre de Santiago, que estava em Jerez de los Caballeros. Como este não quisesse sair da vila, Nuno continuou a marcha até perto de Vila Nova de Barca Rota.
- jun. 8 Passando por Vila Nova, foi em direcção de Olivença; parou a meio caminho, quando recebeu uma mensagem do Mestre: que o esperasse, porque queria ter com ele. Nuno esperou três dias e estava disposto a esperar mais, quando foi informado da desistência do Mestre, que já dissolvera as tropas.
- jun. 12 Depois disso, continuou até Olivença, com numerosos prisioneiros e enorme quantidade de animais.
- jun. 13 Chegou a Vila Viçosa, onde estavam a mãe e a

1398

filha. Correrá durante 15 dias por Castela e penetrou bem 20 léguas dentro do reino.

Após ter coordenado as fronteiras e os seus negócios em Évora, foi descansar um pouco em Montemor o Novo ⁽¹⁹⁰⁾.

c. jul. 10

O descanso não se prolongou muito — poucos dias apenas — visto que um recado do Rei o chamava a novas actividades militares.

març.-abr.

Desde o início da primavera, o Rei estava a preparar, no Porto, uma grande expedição, para invadir a Galiza. Em fins de Abril partiu para Ponte do Lima, onde faria a concentração das suas forças. O alardo mostrou que havia reunido 4.000 lanças e muitos besteiros, o que significa uma tropa de 20.000 homens, aproximadamente.

maio 1-2

Dali «moveo caminho de Monçom ... e foj dormir a Choças» ⁽¹⁹¹⁾.

maio 4/5

A travessia do Minho, feita alguns dias depois, numa noite escura, foi desastrosa: perderam umas 500 pessoas!

maio 7-jun. 9

«Passou o Minho e cobrou Salvaterra e chegou a Souto Maior, e desde hy veio poer arraial sobre Tuy», resume Fernão Lopes ⁽¹⁹²⁾.

Foi durante o cerco desta cidade, que o Rei teve informações sobre movimentos das tropas castelhanas, com o fim de fazer interromper o cerco. Por isso avisou imediatamente o seu Condestável, apenas regressado de uma expedição por Castela.

De facto, o Conselho de Castela estava descontente, por a grande Castela estar tão humilhada por uns poucos Portugueses, que lhe cor-

(190) Crónica do Condestável, c. 68 (p. 180-181); Crónica de D. João I, P. II, c. 166 (II, p. 364-365).

(191) O Livro 2 da Chancelaria de D. João I regista a sua presença nesses lugares em 1 e 2 de Maio, ver ff. 144r e 147r.

(192) Crónica de D. João I, P. II, c. 167-168 (II, p. 365-368). — O Livro 2 da Chancelaria de D. João I permite precisar mais a cronologia: o Rei estava em Salvaterra nos dias 7, 8 e 20 de Maio (ff. 143r e 145r); estava sobre Souto Maior nos dias 29 de Maio e 3 de Junho (ff. 145v e 146r); finalmente sobre Tuy, certamente a partir de 9 de Junho (f. 145v).

1398

riam livremente as terras, saqueavam e ocupavam lugares. Urgia uma reacção enérgica.

A frota de Santander e a de Sevilha receberam ordens de irem sobre Lisboa. O Infante português, D. Dinis, foi proclamado Rei de Portugal, na esperança de assim se provocar uma cisão entre os portugueses. Este devia preparar uma invasão na Beira. O próprio Rei de Castela tentaria afastar Dom João do cerco de Tui. O Mestre de Santiago assaltaria o Alentejo; assim poderia vingar-se do Condestável e impedir que este fosse socorrer ao Rei ⁽¹⁹³⁾.

De tudo isto Nun'Álvares recebeu relatos por intermédio dos seus espões, e ficou sem saber o que fazer primeiro. Convocou o seu Conselho em Évora e, posto que encontrasse dificuldades, por parte de alguns grandes, já cansados das intermináveis guerras, conseguiu reunir a sua tropa graças à boa vontade do seu dedicado lugar-tenente Martim Afonso de Melo.

Nessa época D. Dinis invadiu a Beira, com uma tropa constituída principalmente de Portugueses dissidentes. Foi o que fez resolver Nun'Álvares a ir primeiro sobre ele e continuar depois até Tui.

De Évora, pois, foi ao Crato e dali, levando consigo o Prior, que estava em desunião com o Rei e suspeito de traição, sucessivamente a Nisa e Castelo Branco. Ao saber que D. Dinis estava na Covilhã, após ter percorrido a Beira, Nuno escreveu-lhe uma carta. Criticou-lhe, violentamente, a traição contra a Pátria, e disse que em breve estaria com ele.

A carta não chegou ao destino, pois o Infante já fugira para Castela, quando soube da vinda do Condestável. Ele mesmo e os seus Portugueses queriam arriscar uma batalha. Mas não lho per-

(193) Crónica de D. João I, P. II, c. 169-170 (II, p. 370-373).

1398

c. jul. 20

mitiram os conselheiros castelhanos, que temiam tanto o grande Nun'Álvares ⁽¹⁹⁴⁾.

Pesaroso, o Condestável resolveu ir a Tui. Mandou voltar Martim Afonso para a defesa do Alentejo, e ele mesmo foi à Covilhã, Guarda e Viseu, para o descanso da tropa.

Entrementes, chegara a frota castelhana sobre Lisboa, 55 unidades ao todo. Deram uns tiros e ancoraram perto do Restelo. Todos os habitantes saíram da cidade e mantiveram-se em guarda ao longo do Tejo, até Cascais, de forma que nenhum Castelhana pudesse saltar em terra. Tendo vindo para cercar, a frota ficou cercada, sem poder fazer nada. Após alguns dias levantaram as âncoras e largaram do Tejo.

jul. 25

Tomada de Tui, na festa de São Tiago.

jul. 26

D. Afonso, o filho ilegítimo do Rei e futuro genro do Condestável, foi armado cavaleiro na Cathedral de Tui.

ago.

A seguir, o Rei tornou ao Porto, aonde Nuno o foi ver; conseguiu que o Rei se reconciasse com o Prior do Crato ⁽¹⁹⁵⁾.

Enquanto Nuno estava com o Rei no Porto, veio um recado de Moura, pedindo auxílio contra o seu alcaide Álvaro Gonçalves, que a tencionava entregar a Castela. O Rei ordenou que o Condestável fosse lá, sem demora, e cercasse a vila e o castelo.

Nuno dirigiu-se a Coimbra, aonde chamou a sua tropa, que deixara em Viseu. Em seguida, passou por Ourém, em romaria a Santa Maria de Ceissa. Aqui recebeu novo aviso do Rei: fosse a Moura, a toda a pressa, e cercasse a vila. De Ourém foi a Évora e depois a Portel. A esta vila mandou vir o alcaide de Moura, com um salvo-conduto. Pela sua boa maneira de falar solucionou o

(194) Crónica do Condestável, c. 69 (p. 182-185); Crónica de D. João I, P. II, c. 172 (II, p. 376-379).

(195) Crónica do Condestável, c. 70 (p. 186); Crónica de D. João I, P. II, c. 172-173 (II, p. 379-383).

- 1398-1399 conflito a contento de todos, salvando a honra de Álvaro Gonçalves e conservando segura a vila. Não foi preciso um cerco, e Nuno voltou para Évora ^(195-A).
- set. 1 Nova doação ao Condestável, dos bens que pertenceram a Gil Vasques da Cunha, que se levantara contra o Rei: Paiva, Tendais e Lousada, com termos, rendas e direitos; não dos bens que estavam na comarca de Viseu, que já foram doados a outrem ⁽¹⁹⁶⁾.
- out. Fracassada, desta maneira, toda a sua ofensiva, Castela resolveu reatar as negociações sobre as tréguas com Portugal. Mandou, nesse fim, um embaixador genovês, Micer Ambrósio, ao Porto, falar com Dom João I, que não desejava outra coisa. Concordaram em que todas as questões pendentes seriam discutidas e dirimidas por plenipotenciários: quatro de Castela e quatro de Portugal. Entre estes estavam o Bispo de Coimbra e o Condestável do Reino.
- 1399 jan. No princípio de Janeiro foi publicada uma suspensão das operações de guerra, até meados do mês de Março.
- fev. 8 Início das negociações, em Olivença.
- ago.-início As exigências exorbitantes de Castela causaram a ruptura das negociações. Conseguiram, tão somente, concertar uma nova trégua de nove meses.
- Descontente, por ter perdido quase dez meses, o Condestável voltou para Évora, onde estava o Rei. De Évora, o Rei partiu para Lisboa, e o Condestável para Almada ⁽¹⁹⁷⁾.
- 1399-fim Durante estas tréguas surgiu a questão do Priorado do Crato.

(195-A) Crónica do Condestável, c.71 (p. 187-188).

(196) Chancelaria de D. João I, Livro 2, f. 180v.

(197) Crónica do Condestável, c. 72 (p. 188-191); Crónica de D. João I, P. II, c. 176-177 (II, p. 388-393). — A cronologia é confusa e de difícil reconstrução. As negociações principiaram após a tomada de Tui, entre o Rei e o Micer Ambrósio, em 1398. Em fevereiro de 1399 dá-se início às conferências dos plenipotenciários; houve interrupção em Março, para consultas; a seguir foram reiniciadas. Não conseguiram mais do que umas tréguas de nove meses, diz o Autor da Crónica do Condestável.

1400

1400-início

O seu titular fugira para Castela. Tanto o Rei, como o Condestável, tinham os seus candidatos para essa dignidade, cuja apresentação o Rei já havia prometido a Nun'Álvares. Agora, porém, desejava conferir o posto ao aio dos Infantes. Nuno insistiu em apresentar o seu, que era cavaleiro da Ordem, e conseguiu que o Rei permitisse que os próprios freires decidissem o pleito, por eleições capitulares. Elegeu-se o candidato de Nuno. Este estava em Porto de Mós e foi entender-se imediatamente com o Rei, a Santarém, que confirmou a posse do priorado ⁽¹⁹⁸⁾.

abr.

As tréguas corriam para o fim, quando Castela mandou dizer não estar interessada numa renovação.

Ao ver-se, mais uma vez, em estado de guerra, o Rei convocou o Conselho em Santarém, chamando também o Condestável, que a essa altura descansava em Porto de Mós e pela região de Ourém. Resolveram ir ocupar Alcântara. Nuno recebeu a ordem de voltar para Évora, fazer os preparativos necessários e recrutar toda a gente do Alentejo e do Algarve. O Rei fez o mesmo quanto ao resto do país.

maio 3

As duas tropas juntaram-se perto do Crato: 4.000 lanças, além de um grande número de peões e besteiros.

maio 8?

Seguiram caminho por Meadas e Valença e, num sábado de maio (dia 8?), lançaram-se sobre Alcântara. Após alguns dias começaram a escassear os mantimentos e impunha-se ir em foragem pela terra. Como se tratasse de uma empresa arriscada,

Nun'Álvares estava aborrecido com a perda de dez meses em negociações inúteis. Terminadas as tréguas, o Rei e o Condestável invadiram Castela, no começo de Maio de 1400.

Por conseguinte:

9 meses de tréguas: Agosto de 1399 até Maio de 1400; 10 meses de deliberações precederam: Outubro de 1398 até Agosto de 1399, incluindo também o período preliminar das conferências entre o Rei e Micer Ambrósio.

(198) Crónica do Condestável, c. 73 (p. 191-194); Crónica de D. João I, P. II, c. 182 (II, p. 401-402).

- 1400 devido à presença de muita gente armada, que vinha acudir à vila cercada, o Conselho indicou o próprio Condestável.
- maio 17 Este aceitou a incumbência e, numa segunda-feira, saiu do arraial. Andou, ao todo, 16 léguas; passou por Cáceres e Montanches e parou junto a uma ribeira, chamada Boteja.
- maio 18-19 Dali mandou o Prior do Crato e Martim Afonso de Melo percorrer, cada um uma parte dessa comarca; ambos voltaram dois dias depois com grande número de prisioneiros e enorme quantidade de gado («muy muytos»).
- maio 20 No dia seguinte iniciou a volta, completando-a inesperadamente. Pois ao chegar a Brozas, recebeu uma chamada do Rei: viesse a Alcântara, sem demora, porque uma tropa de 2.500 lanças queria descercar a vila. Assim, Nuno continuou a sua marcha até ao arraial.
- maio 25 O cerco não ia adiante, era impossível isolar a vila completamente. Após alguns dias, resolveram voltar para Portugal, onde dissolveram as suas tropas ⁽¹⁹⁹⁾.
- maio 29-jun 9
- jun. Quando já estavam em Alter do Chão, o Rei pediu ao Condestável o favor de encarregar-se da justiça em todo o território do Alentejo e do Algarve.

Como comandante militar dessa região, Nuno sabia quanto era necessário que alguém reprimisse os abusos, as injustiças e as violências, provocadas pela guerra infundável. Aceitou a responsabilidade, e com a sua costumada energia atacou a corrupção, sem distinção de pessoas, conseguindo que, em pouco tempo, voltassem a reinar a ordem e o sossego.

(199) Crónica do Condestável, c. 74 (p. 195-197); Crónica de D. João I, P. II, c. 183 (II, p. 403-405). — Fernão Lopes afirma que o Rei se lançou sobre Alcântara em Maio de 1401, o que deve ser um engano. Toda essa invasão deu-se em 1400, depois do fim das tréguas e para obrigar os Castelhanos a uma renovação das mesmas. Pelo Livro 2 da Chancelaria de D. João I sabemos, que o Rei estava no Crato no dia 3 de Maio (f. 168v), sobre Alcântara em 24 de Maio (f. 168v), no arraial do Porto de Bois em 29 de Maio (f. 168v), em Abrantes no dia 8 de Junho (f. 168v) e no arraial da par das Pias no dia 9 de Junho (f. 168r).

1400-1401

A sua áspera inteireza afastou muitos amigos. Quando teve de proceder contra um fidalgo, protegido do Rei, e este lhe pedia que o não justicasse, Nuno renunciou ao cargo ^(199-A).

set. a dez.

Enquanto o Rei estava em Braga, morreu-lhe o filho primogénito e herdeiro, o Infante D. Afonso.

1401 març./abr.

O Condestável mandou guardar luto oficial e organizou solenes exéquias em Montemor o Novo, onde estava; não assistiu a elas pessoalmente, devido a uma doença grave. Recuperada a saúde, foi a Leiria, onde todos deviam prestar homenagem ao Infante D. Duarte, como a primogénito e herdeiro do trono e Senhor natural ⁽²⁰⁰⁾.

Em Leiria, também, nessa mesma época, foi tratado o casamento entre Beatriz, a filha do Condestável, e D. Afonso, o filho natural do Rei.

Vários pretendentes já haviam solicitado a mão de Beatriz. O Rei, porém, ia adiando a sua licença, dizendo a Nuno, «que de todo bem e honrra que a sua filha viesse, lhe prazeria muito; porém, que se nam triguase a ello, caa per ventura Deos lhe encaminharia pera ella outro milhor e mais homrrado casamento...».

Concordado assim o casamento, para grande alegria do Condestável, começaram os preparativos necessários ⁽²⁰¹⁾.

out. 20

Legitimação de D. Afonso: «o mais comprida-

(199-A) Crónica do Condestável, c. 74 (p. 197-198); Crónica de D. João I, P. II, c. 200 (II, p. 454-456). — Fernão Lopes diz, que essa nomeação se fizera, quando o Rei já estava «desabafado dos feitos de guerra». O autor da Crónica do Condestável, porém, sugere que tenha sido no fim da campanha contra Alcântara, portanto em Junho de 1400.

(200) Crónica do Condestável, c. 75 (p. 198). — Conforme já mostrámos, o Infante D. Afonso morreu no prazo que decorre do dia 9 de Junho de 1400 ao dia 12 de Abril de 1401. «Em Braga», informe o Autor da Crónica do Condestável.

Ora, neste ano, o Rei demorou-se em Braga desde fins de Agosto até princípios de Dezembro, como se deduz do Livro 2 da Chancelaria de D. João I, (ff. 171r-175r). Depois esteve em Guimarães, até meados de Fevereiro (ff. 170r, 174r, 169v, 173r). Passou, a seguir, a Leiria, onde se encontrava certamente nos meses de Março e Abril (ff. 134v-135v, 169v, 173v). De Maio em diante assistiu sempre em Santarém e em Lisboa (ff. 136r, 150r, 151v, 175v-179r, 187r-v; Livro 3, ff. 10r-14v).

(201) Crónica de D. João I, P. II, c. 202 (II, p. 460); Crónica do Condestável, c. 76 (p. 199).

1401

mente que nos podemos fazer e o el pode ser. E esta dispensaçam, em todo, nem em parte, nom faça prejuizo a meus filhos...»⁽²⁰²⁾.

nov. 1

Em Frielas lavrou-se o instrumento da doação, «que fez o Conde Nuno Alvarez a sua filha Dona Briatiz de terras, quando casou com o Conde Dom Afonso, filho del Rey»: vila e castelo de Chaves com os seus termos, terra e julgado de Monte Negro, castelo e fortaleza de Montalegre, terra de Barroso, Baltar, Paços e Barcelos, que são Entre Douro e Minho e Trás os Montes, com os seus termos, coutos e honras, com todas as jurisdições cíveis e criminaes, com todos os padroados das igrejas, e com todos os seus direitos e pertenças; além disso, a doação das quintas de Carvalhosa, Conas, Canedo, Sarrãos, Gondinhães, São Félix, Trorã, Casais de Bustelo, Moreira e Pousada.

Todos esses bens eram para eles e os seus descendentes em linha recta, sempre em uma pessoa só. Se o Conde Afonso morresse primeiro, tudo seria para D. Beatriz. Se esta morresse antes, todos esses bens seriam para o seu filho primogénito. Se ela morresse sem descendência varonil, o próprio Nuno, em sua vida, seria o herdeiro dela; depois da morte de Nuno, os seus herdeiros. E se algum descendente morresse sem herdeiros varonís, os bens voltariam do mesmo modo.

Este instrumento de tão larga doação tem a data de 1 de Novembro de 1401.

Ao doar o condado de Barcelos aos noivos, Nuno solicitou ao Rei que desse a Afonso o título de Conde de Barcelos.

nov. 8

A pedido de D. Afonso, o Rei confirmou a doação feita, no dia 8 de Novembro de 1401⁽²⁰³⁾.

As bodas foram celebradas em Lisboa, com

(202) Chancelaria de D. João I, Livro 2, f. 187r-v.

(203) Chancelaria de D. João I, Livro 2, ff. 175v-177r.

1401-1403

grandes festividades, a que assistiram «todollos Senhores e pessoas notaveis do Regno»⁽²⁰⁴⁾.

Após a última campanha por terras castelhanas, com o malogro do cerco de Alcântara, houve um período de indecisão: para ambas as partes a guerra tornava-se pesada, mas Castela não podia esquecer, tão ligeiramente, os numerosos mortos que caíram nas batalhas; a dor e o espírito de vingança eram ainda muito fortes.

1402 jun. 1

Finalmente, em 1402, no dia 1 de Junho, uma quinta-feira, foram iniciadas novas negociações. Desta vez em Segóvia.

set. 28

Embora não chegassem a um acordo definitivo, quanto à paz, após muitas e laboriosas conferências e consultas, concluíram um Tratado de tréguas por 10 anos, em 28 de Setembro de 1402⁽²⁰⁵⁾.

TEMPOS DE PAZ

1403 set. 29

Sentença sobre o litígio entre o Rei e o Condestável, quanto aos terrenos no termo de Almada.

Considerando-os seus, por incluídos na doação que o Rei lhe fizera em 8 de Outubro de 1385,

(204) Crónica do Condestável, c. 76 (p. 199); Crónica de D. João I, P. II, c. 202 (II, p. 460-461).

(205) Crónica de D. João I, P. II, c. 184-186 (II, p. 406-409). — O Visconde de Santarém, Quadro elementar... t. I, p. 283, e t. 14, p. 142, afirma que o acordo das tréguas foi concluído em 28 de Setembro, mas do ano 1400. Quase todos os autores seguem essa informação. No entanto, tomamos a liberdade de discordar dessa corrente, por vários motivos. A última invasão em Castela terminou com a dissolução das tropas em 8 e 9 de Junho de 1400, o que por si já exclue o envio de embaixadores, que devem chegar a Segóvia no dia 1 de Junho de 1400, como afirmam. — Além disso, Fernão Lopes acrescenta que esse dia 1 de Junho era uma quinta-feira (II, p. 406). Ora, isso verifica-se para 1402. — Ao falar das novas tentativas de um tratado de paz, a partir da Páscoa de 1407 (27 de Março), observa: «des que as treguoas foram apreguoadas ataa este tempo correram quoaatro annos e mais...» (II, p. 413). — Finalmente, chegaram a assinar a paz em 31 de Outubro de 1411, «avia jaa nove [annos] compridos, quoaando a paaz foi acertada» (II, p. 413).

O Tratado de paz de 1411 devia ser ratificado pelo Rei, ainda menor, quando tivesse a idade de 14 anos e 2 meses, como estipulava uma das cláusulas. De facto, o Rei esperou até 1423, abril 30, para o fazer então como uma restrição quanto ao tempo: o tratado estaria em vigor só até 1434. Mas em 1431, Outubro 30, resolveu ratificá-lo definitivamente.

1403-1404

Dom Nuno começara a construir nelas casas e azenhas. Os oficiais de justiça embargaram as obras e Nuno apelou ao Rei. Este, a fim de evitar processos e demandas intermináveis, propôs uma composição amigável: o Condestável e os seus herdeiros teriam as terras por título de aforamento, podendo fazer nelas azenhas e todo o edifício que julgassem conveniente.

Anualmente, pagaria 8 alqueires de trigo, de cada par de rodas de azenhas em função.

O próprio instrumento contém a licença de doar essas terras e moinhos ao Mosteiro de Santa Maria, em Lisboa, sem embargo das leis em contrário ⁽²⁰⁶⁾.

1404 jul. 28

Nos seus paços de Almada, o Condestável fez a doação de um valioso património ao Mosteiro de Santa Maria, em Lisboa.

Bens doados:

Quinta da Alcaidaria, no termo de Ourém, com os bens de Pombal, Leiria, Tomar e Ourém; os bens que foram de David Negro e que o Conde obteve por doação feita em 6 de Março de 1384; o moinho de Corróios, no termo de Almada, que ele ali fizera; os esteiros de Algenoa, Amora, Arentela e Corróios, com todas as suas rendas, direitos e pertenças.

Condições:

Três Missas diárias: uma cantada em honra de Deus, e duas rezadas em honra da Virgem Maria, por intenção da alma do Condestável, dos pais dele, e das pessoas de sua obrigação.

O usufruto dos bens que foram de David Negro pertenceria a D. Iria Gonçalves, enquanto vivesse; depois seriam do mosteiro.

(206) Chancelaria de D. João I, Livro 2, ff. 192v-194r; ver também Pereira de Sant'Ana, *Crónica dos Carmelitas...*, I, p. 371-375, e 813-816, onde é publicado o documento.

1404-1406

O Condestável reservava-se o direito de administração dos ditos bens, durante a sua vida; depois da sua morte, toda a administração passaria para o mosteiro.

Os Superiores e demais moradores do mosteiro, em tempo algum, poderiam vender ou alienar de outra maneira qualquer os ditos bens, nem parte deles.

As rendas deviam ser aplicadas na construção do mosteiro e da igreja, no culto divino, no sustento dos frades, na conservação dos bens e no pagamento dos foros.

A quem?

A presente doação não foi feita à Ordem do Carmo, senão ao Mosteiro de Santa Maria.

Nele estariam frades, ou freiras, ou outras pessoas eclesiásticas, da escolha do Condestável. O seu testamento indicaria a que Ordem ia pertencer o mosteiro ⁽²⁰⁷⁾.

set. 29

O Mosteiro de Santa Maria foi metido na posse dos bens doados, cuja administração continuou nas mãos do Fundador, na pessoa de Vasco de Moura, seu procurador ⁽²⁰⁸⁾.

1405 ago. 31

A pedido do Condestável e querendo fazer mercê ao Mosteiro de Santa Maria, o Rei dispensou, para sempre, os foros que se deviam pagar, de oito alqueires de trigo, de cada par de rodas em função. Havia então 3 pares de rodas ⁽²⁰⁹⁾.

1406 set. 9

Fez-se, nos paços de Almada, uma alteração bastante importante na doação feita em 28 de Julho de 1404.

Ao examinar os papéis do seu cartório, Nun'Álvares descobriu que a quinta da Alcaidaria,

(207) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 356-360 e 805-809, onde se encontra o instrumento da doação, que não foi registada nos livros da Chancelaria.

(208) Pereira, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 360-362 e 809-812, onde se dá o texto dos documentos da posse e da procuração.

(209) Chancelaria de D. João I, Livro 3, f. 50r; Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 375-376 e 816-817, aqui o documento.

1406-1410

no termo de Ourém, pertencia directamente à Capela da Flor de Rosa, da Ordem do Hospital, e que ele era apenas o usufrutuário. Portanto, a sua doação tinha sido nula nesta parte.

Não obstante o seu pesar, reparou o erro imediatamente, revogou a doação feita e devolveu os bens à dita Capela.

A favor do seu mosteiro fez uma nova disposição: ficaria desde já com todas as rendas e frutos dos bens que foram de David Negro, que até então recebia D. Iria Gonçalves. À sua mãe Nuno fez uma nova doação no mesmo valor.

Quanto ao resto, manteve e renovou a sua doação de 1404 ⁽²¹⁰⁾.

1406-1410

Enquanto o Condestável passava a sua vida no Alentejo, ou se ocupava com as igrejas que estava a construir, a Corte de Lisboa começara a sentir as influências renovadoras de uma nova geração, a ínclita dos Infantes. Crescidos num meio heróico, recusavam-se eles a receberem a ordem da Cavalaria em uns simples torneios. Ceuta devia ser o cenário!

O Rei procurava moderar os filhos, mas ... não tivera ele sempre o desejo de combater os Mouros? Se fosse serviço de Deus, consentiria.

Consultou os letrados, os teólogos, algumas pessoas com fama de santidade. Todos se manifestavam a favor da empresa: era serviço de Deus.

Antes de iniciar os preparativos, o Rei quer falar com mais duas pessoas: a Rainha e o Condestável.

A Rainha não tinha impedimentos a opôr — mal suspeitava ela que também o marido quisesse tomar parte.

Faltava Dom Nuno ... O Rei ponderou: «O segundo impedimento é o Condestável, — disse aos Infantes — o qual sabeis, que por sua mui boa

(210) Pereira de Sant'Ana, *Crónica dos Carmelitas...*, I, p. 377-379 e 817-819, onde é publicada a nova doação.

1410

vida e bem-aventurados agradecimentos que houve, tem assim as gentes do Reino chegadas à sua amizade que, se ele por ventura contradisser esse projecto, todos terão que não era feito directamente, a qual coisa lhes faria menos esforço pera nos ajudarem a elo, quando fosse requerido. Porém, antes de nenhuma coisa é bem que vejamos por que maneira lhe faremos saber a determinação que em elo havemos, porque ao depois, por seu desprazimento, não recebamos algum pejo».

Os Infantes não estavam muito de acordo; receavam: O Conde já é velho, fez muito quando novo, depois teve o seu repouso «com grande e proveitoso galardão»; por isso talvez duvide do êxito desta empresa ⁽²¹¹⁾.

Combinaram irer falar pessoalmente com Nun'Álvares. Para encobrirem o motivo, diriam que iam caçar no Alentejo. Primeiro foram D. Duarte e D. Henrique. O Rei e D. Pedro seguiriam dois ou três meses depois.

Nuno estava em Arraiolos. O Rei chamou-o a Montemor o Novo, muito em segredo, e explicou-lhe a verdadeira razão do encontro.

A resposta foi surpreendente: «O que a mim me parece é, que este feito não foi achado por vós, nem por outra nenhuma pessoa deste mundo, sòmente que lhe foi revelado por Deus, querendo-vos abrir azo e caminho, para que lhe fizésseis este tão especial serviço, para que a vossa alma ante Ele possa receber grande merecimento. Pois que a Ele praz de o servirdes neste feito, não há mais que esquadrihar, cá assim como a Ele prouve de o trazer ante os olhos do vosso entendimento, assim lhe prazêrá, por sua mercê, não leixeis de obrar em elo, de guisa que, por vossa minguá,

(211) Gomes Eanes de Zurara, Crónica da tomada de Ceuta... Lisboa, Academia das Sciencias de Lisboa [1915]; c. 19 (p. 60-62). A preocupação que reinava em Castela, em 1414, em consequência da preparação da gigantesca «armada em que ha quatro annos emtende e despemde dinheiro» (p. 95), mostra que as consultas iniciais tiveram lugar em 1410.

- 1411-1414 não faleça nenhuma coisa do que para semelhante feito pertence» ⁽²¹²⁾.
- 1411 out. 31 Tratado de paz entre Portugal e Castela, com a cláusula de que o Rei de Castela o aprove, quando tiver a idade requerida.
- 1413 jul. 17 O Papa conciliar João XXIII concede a sua licença apostólica, para Nun'Álvares poder doar o seu Mosteiro de Santa Maria, com a dispensa de ultrapassar os trâmites do direito comum, quanto às restrições estabelecidas referentes à largueza dos bens doados ⁽²¹³⁾.
- 1414 abr. 12^o Quando os preparativos para a expedição de Ceuta — feitos com tanto segredo, que todos, dentro e fora do país, ignoravam os verdadeiros motivos — já andavam bastante adiantados, o Rei resolveu convocar o seu Conselho, a fim de revelar aos seus conselheiros, sob solene juramento de guardar o segredo, a finalidade dos trabalhos.

O Conselho reuniu-se em Torres Vedras, em uma quinta-feira, logo depois da Páscoa, e após ser cantada a Missa do Espírito Santo.

Durante uma conferência preliminar e particular, o Rei e o Condestável combinaram que este falaria logo a seguir ao Rei, antes dos Infantes, e de maneira que já ninguém contradissem os projectos, que pelo Rei seriam propostos como certos, e cujo modo de realização devia ser estudado agora ⁽²¹⁴⁾.

Após o seu discurso sobre a empresa, o Rei pediu o parecer dos conselheiros, dirigindo-se logo a Nun'Álvares. Com algumas fingidas cerimónias, para que ninguém percebesse o motivo da circunstância insólita, de ele falar antes do Infan-

(212) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 22 (p. 68-71).

(213) Pereira, Crónica dos Carmelitas, I, p. 382-384 e 819-820 (texto). Por engano Pereira atribue-lhe a data de 15 de Agosto de 1413, quando a transcrição do documento dá «16. Kalendas Augusti Pontificatus Nostri anno quarto» = 17 de Julho de 1413.

(214) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 25 (p. 76-78).

1414-1415

te D. Duarte, o Conde levantou-se para dar o seu parecer:

«Só podemos dizer com o Profeta: «isto é feito do Senhor e é maravilhoso ante os nossos olhos». A presente causa não pode ser comparada às outras, em que pedíeis conselho, pois nelas tratava-se de buscar certos caminhos, por que mais ligeiramente se pudessem segurar vidas e honras. Nesta causa trata-se do serviço de Deus e da salvação das almas.

Eu não tenho, nem sinto, outro conselho, que vos em isso dar, sòmente que o cargo deste feito deixeis a Deus, remerecendo-lhe o cuidado, que teve e tem, de vossa salvação. E eu, de minha parte, ponho lei em mim mesmo de lhe dar muitas graças por isso, pela parte que a mim acontece. E assim como vos servi em todas as outras coisas, assim vos servirei em esta agora, e ainda quanto a coisa é melhor e mais proveitosa, tanto porei em ela maior vontade e diligência.»

Terminado o seu discurso, ajoelhou-se diante do Rei, beijou-lhe as mãos e disse: «eu vos faço esta reverência, tendo-vos muito em mercê, de me azardes coisa em que vos sirva em meu officio de Cavalaria, em que me Deus por sua mercê pôs, sendo coisa tanto de seu serviço».

A seguir, falou D. Duarte e depois todos os outros, concordando com a empresa projectada. Discutiram ainda os meios que a pudessem encobrir e terminaram com a resolução de embarcarem na festa de São João do ano seguinte ⁽²¹⁵⁾.

1415

Em data ignorada, mas em 1415, segundo afirma o cronista carmelita Frei José Pereira de Sant'Ana, faleceu a filha de Nun'Álvares, a Condessa D. Brites, esposa de D. Afonso, Conde de Barcelos. A morte ocorreu em Chaves, em consequência de um parto.

O Condestável, que se encontrava em Vila

(215) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 27-28 (p. 81-86).

- 1415 Viçosa, ocupado na construção da igreja da Imaculada Conceição, sentiu tão profundamente este golpe, «que se ouuera de perder com nojo, se Deos nom guardara o grande e boom juizo, que lhe Deos dera» ⁽²¹⁶⁾.
- jul. 10 Vinda da frota de D. Henrique, do Porto. Por ordem do Rei, oito galés saíram a recebê-lo. Na última encontrava-se o Condestável.
Ao ancorarem no Restelo, os Infantes foram avisados da gravíssima doença da Rainha, atacada de peste. Moribunda, ela mesma deu ordem de continuar a expedição, marcando-lhe até a data: 25 de Julho, festa de São Tiago.
- jul. 19 Morte da Rainha ⁽²¹⁷⁾.
- jul. 20-23 Confusão em Lisboa e divisão no Conselho: os presságios eram funestos!
Dos conselheiros, metade apenas estava a favor da partida imediata, com o Rei: eram os três Infantes e mais quatro conselheiros. Sete conselheiros pronunciaram-se contra. Diziam que Nuno era contrário à participação do Rei, que devia permanecer no país tão duramente provado. Parece que o Infante D. Pedro falou ásperamente com o Condestável. O cronista não tem certeza, nem D. Henrique nunca lhe quis falar nisso ⁽²¹⁸⁾.
- jul. 24 Numa quarta-feira, véspera de São Tiago, o Rei deixa Alhos Vedros, na galé de D. Afonso, decidido agora a tomar parte na expedição, e à tarde do mesmo dia embarca em S.ta Catarina.
- jul. 25 Quinta-feira e festa de São Tiago, partida da frota ⁽²¹⁹⁾.
- jul. 27 Dois dias depois, no sábado, dobraram o Cabo de São Vicente e de noite entraram a baía de Lagos.
- jul. 28 Domingo, em Lagos. O Conselho reuniu-se em terra e resolveu revelar a todos o destino da via-

(216) Pereira de Sant'Ana, *Crónica dos Carmelitas...*, I, p. 336; *Crónica do Condestável*, c. 77 (p. 200).

(217) Zurara, *Crónica-Ceuta*, c. 36-43.

(218) Zurara, *Crónica-Ceuta*, c. 47 (p. 144-146).

(219) Zurara, *Crónica-Ceuta*, c. 50 (p. 152-154).

- 1415 gem. Numa cerimónia religiosa, o pregador Fr. João de Xira anunciou o verdadeiro destino da expedição: Ceuta ⁽²²⁰⁾.
- jul. 31 A frota zarpuou de Lagos a Faro, onde ficou retida durante uma semana, por causa de uma calmaria.
- ago. 7 Deixaram Faro e iniciaram a viagem do estreito.
- ago. 9 Sexta-feira; pouco antes do pôr do sol avistaram a terra dos Mouros, e de noite começaram a caminhar pela boca do estreito.
- ago. 10 Na tarde do sábado, a armada ancorou entre as Algeciras ⁽²²¹⁾.
- ago. 12 Na segunda-feira, apesar da cerração, a frota foi sobre a cidade de Ceuta. Houve tiros, um desembarque e uma escaramuça na praia, sem consequência de maior.
- ago. 14 Como ali estivessem muito expostos ao vento, resolveram passar para o outro lado da península, de nome Barbaçote. Nesta manobra, as naus foram levadas pelas correntes a Málaga. O Infante D. Henrique foi buscá-las.
- ago. 16 Chegada das naus, que derivaram ⁽²²²⁾.
- ago. 17 Uma tempestade muito forte obrigou-os a fazer voltar uma parte da armada a Algeciras; ao dobrarem o Cabo da Almina, as galés estiveram em perigo grave, enquanto as naus, mais uma vez, foram arrastadas do seu rumo.
- ago. 17-18 O Condestável continuou ali mesmo com o resto da frota, apesar da tormenta e do perigo que fazia garrar os barcos e cortava as amarras e os cabos nos recifes.
- Ao perdurar a tempestade, com a mesma violência, ainda no dia seguinte, os demais capitães insistiram com Nuno que, ou se saísse à terra, ou seguissem o Rei a Algeciras. Nuno acalmou-os com palavras brandas e doces: de boa vontade iria com eles a terra, se isto não desagradasse ao

(220) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 51 (p. 155-156).

(221) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 54-55 (p. 164-167).

(222) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 57 (p. 169-171).

1415

Rei, mas, como estavam as coisas, não o podia permitir; quanto ao ir a Algeciras, de forma alguma o queria, enquanto não fosse possível levar os navios todos.

Espantados e maravilhados, os capitães ouviram esta resposta e voltaram às suas naves. Durante um dia e duas noites tiveram que suportar o temporal ⁽²²³⁾.

ago. 19

Sòmente ao receber uma chamada do Rei, o Conde dirigiu a frota à baía de Gibraltar, onde estavam o Rei e os Infantes. Reuniram o Conselho, que logo se dividiu em três fracções: uns queriam continuar o assalto a Ceuta (os Infantes, o Conde D. Afonso e dois ou três conselheiros); outros sugeriram que se fosse sobre Gibraltar, que estava logo aí à mão; outros ainda, que se voltasse para Portugal, pois tudo indicava que a empresa não era do agrado de Deus.

ago. 20

E o Condestável? Protagonista mais ardoroso «deste serviço de Deus», só podia apoiar a primeira opinião, embora nada conste das crónicas. O Rei dirimiu a questão com a palavra de ordem: amanhã tomaremos a terra, depois o resto ⁽²²⁴⁾.

Tomada de Ceuta

ago. 21

A Armada foi sobre Ceuta e, desembarcados os primeiros, iniciou-se logo uma escaramuça.

Guiadas pelos Infantes e o Conde de Barcelos, as tropas conseguiram passar as portas da cidade, num movimento muito rápido em perseguição dos Mouros que retiravam.

Uma vez dentro dos muros, a luta continuou pelas ruas da cidade. Luta bastante desigual, pois as tropas auxiliares de Ceuta haviam sido despe-

(223) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 59 (p. 174-176); Crónica do Condestável, c. 78 (p. 201-202).

(224) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 62-63 (p. 180-185); ver também D. Duarte, Leal Conselheiro..., c. 14 (p. 44).

1415

didadas, quando o Rei voltara a Algeciras no dia 17. Tinham interpretado mal essa manobra, julgando-a uma desistência do assalto.

Aos poucos vinham chegando os barcos, reforçando continuamente as forças lusitanas. O Rei postou-se à porta da cidade. O Condestável entrou e tomou parte na peleja. A pedido do Infante, que comandava o ataque, tomou conta do cerco do castelo, que se lhe entregou poucas horas depois ⁽²²⁵⁾.

ago. 24

Três dias depois da tomada de Ceuta, uma chusma de Mouros apareceu diante da cidade, por parte da porta de Fez. O Rei e os Infantes acudiram imediatamente. D. Pedro, impaciente, saiu-lhes em perseguição. O Rei e D. Duarte tentaram reunir os soldados, que tinham saído da cidade, sem muito resultado, pois na embriaguez da vitória perdera-se a disciplina. Apareceu o Condestável, que estava aquartelado em outra parte da cidade. Ao chegar, compreendeu o perigo, deixou uma guarnição na porta e, com licença do Rei, encarregou-se de fazer recolher em poucos momentos toda a gente dentro dos muros de Ceuta. Desde então, ficou ali mesmo na guarda desta porta.

ago. 25

Os Infantes foram armados Cavaleiros, na antiga mesquita moura, purificada já e dedicada a Santa Maria de Agosto.

ago. 27 ou 28

Três ou quatro dias depois, reapareceram mais uma vez os Mouros. Nuno reuniu a sua tropa e muitos fidalgos; já estava pronto a sair com a sua bandeira, quando o Rei apareceu e proibiu a surtida, muito contra a vontade do Condestável ⁽²²⁶⁾.

set. 2

Neste dia, uma segunda-feira, a frota deixou Ceuta, de volta para Portugal. Uma parte foi diretamente a Lisboa, outra a Faro. Em Tavira foram

(225) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 68 (p. 193); c. 72 (p. 203-205); c. 76 (p. 211-212); Crónica do Condestável, c. 78 (p. 202).

(226) Crónica do Condestável, c. 78 (p. 202-204).

(227) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 101 (p. 265-267).

- 1415-1422 criados os primeiros Duques de Portugal: D. Pedro e D. Henrique ⁽²²⁷⁾.
- antes set. 13 Do Algarve, o Rei partiu para Évora, acompanhado provavelmente do Condestável ⁽²²⁸⁾.
- 1415-1422 O Condestável, sempre no Alentejo, ocupado na construção das suas igrejas e capelas, em Monsaraz, Portel, Sousel, Camarate, Estremoz, Orada, no concelho de Borba, Vila Viçosa e Lisboa ⁽²²⁹⁾.
- 1422 abr. 4 Em Borba, Nun'Álvares fez elaborar as escrituras das doações a seus netos, de que nos fala a Crónica do Condestável: «E quando se quis apartar a seruir Deos, em cujo seruiço morreo, repartyo todas suas terras em esta guisa:»
- Terra de Lousada e de Tendões, a vila de Almada e as rendas de Loulé, à Infanta D. Isabel, sua neta e mulher do Infante D. João.
- O condado de Ourém, com todas as suas terras da Estremadura e as que havia em Lisboa e os seus termos, e mais os seus paços de Lisboa, ao neto D. Afonso.
- O condado de Arraiolos, com todas as terras que havia no Alentejo, deu a seu neto D. Fernando ⁽²³⁰⁾.
- jul. 5 Por escritura feita em Vila Viçosa, fez doação, ao Mosteiro de Santa Maria, em Lisboa, de uma Relíquia da Santa Cruz, a célebre, que pertencera ao Rei de Castela: «que meu Senhor El-Rey me fez mercee... depois da batalha que el houve com El-Rey de Castela» ⁽²³¹⁾.
- jul./ago. Afirma o cronista carmelita, Fr. José Pereira de Sant'Ana, baseando-se em crónicas anteriores, agora desaparecidas, que o Santo Condestável

(228) Zurara, Crónica-Ceuta, c. 103 (p. 269). — O Livro 3 da Chancelaria de D. João I, regista a presença do Rei em Évora nos dias 13, 14 e 18 de Setembro, f. 153r.

(229) Crónica do Condestável, c. 80 (p. 207).

(230) A. C. de Sousa, Historia genealogica da casa real portuguesa... Lisboa Occidental, na Officina de J. A. da Silva, 1735-1748; VI Provas 37-39; cf Oliveira Martins, A Vida de Nun'Álvares, p. 418.

(231) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 447-448.

1422-1423

passou a residir no Carmo, em fins de Julho, ou em princípios de Agosto ⁽²³²⁾.

Nessa época deve ter feito doação de todo o ouro e prata, do seu dinheiro, das jóias, armas e roupas a escudeiros e pobres, «pollo amor de Deos. E mujto pam e azeite, e camas de roupa, ante que se apartasse. E fez mujtas quytas de dinheiros e de pam e de sal, que lhe era diuido, asy por seus almoxeriffes e officiaaes, como per outros, que foron seus rendeiros pollos tempos, e per outras pessoas, que nom ficou com elle nenhuma cousa» ⁽²³³⁾.

ago. 22

Dom Fernando, o neto do Condestável, fez doação ao Mosteiro de Santa Maria, de uma pensão anual de seis moios de trigo.

ago. 24

Dom Afonso, o outro neto do Condestável, fez semelhante doação ao mosteiro: pensão anual de quatro moios de trigo e cinco tonéis de vinho.

As duas doações foram feitas a pedido do Condestável, como consta expressamente da renovação que fez D. Fernando, herdeiro do irmão, em 1470: «E esto lhe faço, porque o Condestabre meu Avoo, depois que entrou no dito Mosteiro, e nos tinha dado as terras, a meu irmão e a my, nos encomendou, que lhe desemos o dito trigo e vinho...» ⁽²³⁴⁾.

1423 abr. 30

O Rei de Castela, finalmente, ratificou o Tratado de Paz, concluído em 1411, restringindo-o embora quanto à duração. É significativo que Nun'Álvares, pouco depois, pediu a sua admissão na Ordem Carmelitana. Só agora considerava definitivamente terminada a sua missão no serviço de Deus, ao serviço da Pátria.

Fazemos esta observação, conscientemente,

(232) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 403; — deve ter entrado antes do dia 7 de Agosto, pois uma escritura passada neste dia, já o dá como residindo no Carmo de Lisboa, ver p. 404.

(233) Crónica do Condestável, c. 80 (p. 209-210).

(234) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 385-388, e ainda p. 392, para a renovação.

1423 contra Oliveira Martins, sempre tão infeliz na interpretação da mentalidade de Nun'Álvares, que considerava essa resolução como um fruto do abatimento pela morte da filha. Fruto bem fora da época!

jul. 6-23 Celebrou-se o primeiro Capítulo Provincial do Carmo Português, que com isso se constituiu em uma Província independente.

Mui fidalgamente, os Padres Capitulares ofereceram a Dom Nuno a administração dos dois conventos, de Moura e de Lisboa, e dos bens da Província ⁽²³⁵⁾.

jul. 28 Por seu lado, Nun'Álvares Pereira fez agora a doação definitiva da igreja e do mosteiro à Ordem do Carmo, cuja escritura se lavrou em 28 de Julho de 1423: «E que, porquanto ele no dito mosteiro via Frades bons e virtuosos e que vivem bem, e em serviço de Deus, que ele declarava a sua vontade, que até ora em tempo tivera guardada. E que daqui em diante provocava o dito mosteiro ser da Virgem Maria e da sua Ordem do Carmo, e que fazia dele pura doação, para sempre, à dita Ordem, com todas as rendas e direitos, que o ele há dotado, para os Frades da dita Ordem...» ⁽²³⁶⁾.

Até este momento, Dom Nuno jamais dera a entender que os Carmelitas deveriam continuar sempre com o serviço da igreja de Santa Maria. Só agora, depois de ter observado longamente a vida dos Frades, resolveu fazer a doação à Ordem do Carmo.

ago. Poucos dias depois, o Santo Condestável procurou o Provincial recém-eleito, Fr. Afonso de Alfama, ou Leitão, e abriu-lhe o desejo de seu coração: entrar na Ordem como simples Donato!

Admirado e confuso, o Provincial ouviu-lhe o pedido; tentou dissuadi-lo, que escolhesse o sacer-

(235) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas, I, p. 408-413 e 822-824, onde se lê a cópia da Patente, passada a Dom Nuno.

(236) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 412-414 e 824-825, onde é publicado o instrumento da doação.

1423-1425

dócio, ou ao menos o lugar de corista. Em vão: Nuno mostrou-se inabalável em ambicionar o último lugar e fazer os serviços mais humildes ⁽²³⁷⁾.

A última batalha

ago. 15

Consultada a comunidade e por ela admitido, o Condestável recebeu o hábito de Donato, ou mais exactamente de meio-Irmão Carmelita, no dia 15 de Agosto de 1423 ⁽²³⁸⁾.

1425

Estava há dois anos na vida religiosa, quando uma notícia inquietadora lhe veio perturbar o sossego: o Rei de Túnis preparava-se para atacar Ceuta, por terra e por mar. O Rei e os Infantes iam socorrer essa praça de Portugal em África. O próprio D. Duarte confirmou-lhe as notícias. Nuno não se conteve; a sua grande dedicação ao Rei e ao Infante fê-lo exigir o seu lugar na expedição. Não encontrou dificuldades, nem por parte do Rei, nem por parte da Ordem. Pessoalmente, no seu hábito de meio-Irmão do Carmo, foi inspeccionar o barco em que havia de ir, e mandou aprontar tudo conforme a sua vontade. Dom Duarte forneceu-lhe as armas necessárias.

Porém, «em esta obra nom se fez mais, porque el rey de Tunez nom veeo ... e o Condestabre continuou sua vida em servir Deos» ⁽²³⁹⁾.

(237) S. Coelho, O. Carm., *Compendio das chronicas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo...*, Lisboa, por Antonio Gonçalvez, 1572; c. 21, p. 90; Pereira de Sant'Ana, *Crónica dos Carmelitas...*, I, p. 415-416.

(238) Pereira de Sant'Ana, *Crónica dos Carmelitas...*, I, p. 416.

(239) *Crónica do Condestável*, c. 79 (p. 205). — Das várias anedotas, que testemunham a prontidão intrépida do Condestável para o serviço da Pátria, queremos relatar uma: Certo embaixador de Castela, encarregado de concertar o tratado de paz entre as duas Coroas, foi remetido pelo Rei a Frei Nuno de Santa Maria, para que entre si conferissem os pontos do tratado. No fim da conferência, o embaixador inquiriu: Por que causa Nuno estaria disposto a despir aquela mortalha? — Só por uma, respondeu este vivamente, se o Rei de Castela movesse outra vez guerra contra Portugal. Neste caso, enquanto não estivesse sepultado, havia de servir juntamente à Religião, que professava, e à Pátria, que lhe dera o ser (ver, Pereira de Sant'Ana, *Crónica dos Carmelitas...*, I, p. 444).

1423-1431

Qual teria sido a vida religiosa de Frei Nuno de Santa Maria no claustro do Carmelo?

Deve ter sido uma vida extremamente simples, tão simples, que dela não sabemos quase nada, se afastarmos todos os ouropéis da influência lendária.

As Constituições da Ordem de Nossa Senhora do Carmo estabelecem algumas regras especiais para os meios-Irmãos: Farão votos de obediência, de castidade e de viver sem propriedade até à morte. Dirão o Ofício com os Irmãos. Usarão, porém, um hábito algo diferente, a saber, mais curto e, em lugar da capa branca, terão uma capa da cor do hábito, igualmente mais curta. Segundo o critério do Prior da casa, poderão sair do convento como se fossem criados, sem acompanhamento. Todos os Irmãos e meios-Irmãos tratarão com respeito os clérigos e os sacerdotes, e lhes cederão o lugar ⁽²⁴⁰⁾.

A Crónica do Condestável conta como, depois de ter distribuído todos os bens e propriedades, ficou sem coisa alguma e chegou ao Mosteiro de Santa Maria apenas com o seu rude hábito de meio-Irmão, que usou até à morte.

Uma vez afastado do mundo, tratou de realizar três intenções: 1. mendigar o seu sustento pelas ruas da cidade; 2. não se chamar, nem consentir que outros o chamassem, por outro nome que não fosse o de Nuno (a isto acrescentou depois «de Santa Maria», como se vê em algumas cartas publicadas por Pereira de Sant'Ana ^(240-A)), assinadas por «Nuno de Santa Maria»; 3. sair de Portugal e terminar a vida onde fosse desconhecido.

Não o conseguiu, porém. Pois o Infante D.

(240) Constituições feitas no Capítulo Geral de Barcelona, em 1324, publicadas por P. Zimmerman, O. C. D., em Monumenta histórica Carmelitana. Lirinae 1097; p. 20-114; ver rubrica XXX, p. 94-95. As numerosas alterações posteriores não atingiram esta rubrica; ver p. 115-189.

(240-A) Pereira de Sant'Ana, Crónica dos Carmelitas... I, p. 419-420.

1423-1431

Duarte, assim que soube desses propósitos, veio procurá-lo imediatamente e falou com ele «sobre estas coisas que queria fazer; e lho disse rogando e mandando por mandamento, que as não fizesse». Que servisse a Deus em Portugal, e não em outras terras. Que continuasse com título de Condestável e não mudasse de nome. E de maneira alguma podia sair pelas ruas a pedir esmolas; que as pedisse ao Rei e a ele. Nisto insistiu muito. Por obediência, Fr. Nuno de Santa Maria conformou-se com isso, posto que fosse contra a sua vontade.

O Rei e o Infante estabeleceram agora uma boa pensão anual para o sustento de Fr. Nuno e dos seus companheiros. Como fosse bastante abundante, aproveitou-se dela para fazer muitas esmolas.

«E de outras muitas virtudes e boas obras usou o Condestável, tantas que se não poderiam lembrar, para se pôr em esta história»⁽²⁴¹⁾.

Eis o pouco que sabemos da sua vida religiosa, em que perseverou durante quase oito anos. Sexta-feira Santa; depois do meio dia adoeceu gravemente.

1431 març. 30

Festa da Páscoa; morte de Frei Nuno de Santa Maria⁽²⁴²⁾.

abr. 1

O Rei e o Infante D. Duarte lhe mandaram fazer as exéquias, com tão grande pompa e honra, «como em Espanha não se fez a homem de seu

(241) Crónica do Condestável, c. 80 (p. 210-211).

(242) Sumário ... para pregar do Condestável Nuno Álvares Pereira; ver D. Maurício Gomes dos Santos, S. J., Para a história do culto do B. Nun'Álvares — um documento inédito: Brotéria 7 (Lisboa 1928) p. 393-399. — Uma confirmação da data, aqui indicada, da morte de Nuno em 1 de Abril, encontramos ainda num Breviário Carmelitano, manuscrito conservado na Biblioteca Parmense, cujos caracteres internos indicam: a) que tem sido compilado depois do ano de 1456; pois contém todos os officios acrescentados ao calendário até este ano; b) que a sua confecção é anterior a 1478, pois nele já não se encontram as festas mandadas celebrar neste ano e depois; c) que foi feito para o uso dos Carmelitas portugueses de Lisboa, como se pode concluir da presença das festas próprias da diocese de Lisboa (santos de Tomar, Santarém e Lisboa). Ora, o calendário deste Breviário Carmelitano já tem a festa do Santo Condestável, a ser celebrada no dia 1 de Abril. Visto que a festa de um santo costuma ser comemorada no dia da sua morte, temos aqui uma confirmação valiosa a favor desta data. Ver o artigo de Pascoal [Kallenberg], O. Carm., O primeiro vestígio do culto do B. Nuno na liturgia carmelitana: Lusitania Sacra 3 (Lisboa 1958) p. 41-46.

1431

estado». Por ordem deles, assistiram às derradeiras homenagens numerosos clérigos, no meio de um grande concurso do povo ⁽²⁴³⁾.

O corpo foi inumado no presbitério da igreja de Santa Maria do Carmo, numa sepultura rasa, «mais chegada às cadeiras que ficam da parte da Epístola». Na campa gravou-se a seguinte inscrição:

Ille Comestabilis Braganti nominis author
Nunus adest, Dux maximus, hic monachus-
que beatus
Qui regnum ascivit vivens sortitus in aevum
caelum cum superis: nam post numerosa tro-
phaea
consumpsit pompas, humilisque ex principe
factus
hoc templum posuit, coluit, censumque dica-
vit ⁽²⁴⁴⁾.

out. 30

Ratificação definitiva do Tratado de Paz, por parte do Rei de Castela ⁽²⁴⁵⁾.

«E ainda o dia de hoje — conclui a Crónica do Condestável — depois da sua morte, Deus por sua mercê fez e faz muitos milagres naquele lugar, onde seu corpo jaz, que são assaz denotados e manifestos. Por que devemos entender, que sua alma é com Deus na sua glória. A qual Ele por sua mercê nos dê.

Amen. Deo Gratias — Memento mei, Mater Dei» ⁽²⁴⁶⁾.

(243) Crónica do Condestável, c. 79 (p. 205).

(244) Pereira de Sant-Ana, Crónica dos Carmelitas..., I, p. 461-462.

(245) A data desta ratificação talvez possa explicar a crença de Nuno ter morrido no dia 1 de Novembro; pois o reconhecimento definitivo do Tratado de Paz significava a coroa da missão de Nun'Álvares Pereira: garantir a independência de Portugal.

(246) Crónica do Condestável, c. 80, (p. 211).